UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA MESTRADO EM LINGUÍSTICA

LÍDIA GARCIA DE FARIA

O DEFICIENTE/ A DEFICIÊNCIA COMO ACONTECIMENTO DISCURSIVO NOS JOGOS PARALÍMPICOS

LÍDIA GARCIA DE FARIA

O DEFICIENTE/ A DEFICIÊNCIA COMO ACONTECIMENTO DISCURSIVO NOS JOGOS PARALÍMPICOS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação da professora Dra. Olimpia Maluf-Souza

CÁCERES-MT

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

FARIA, Lidia Garcia de .

F2240

O Deficiente/ a Deficiência Como Acontecimento Discursivo Nos Jogos Paralímpicos / Lidia Garcia de Faria - Cáceres, 2018. 93 f.; 30 cm.(ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Linguística, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2018.

Orientador: Olímpia Maluf Souza

 Jogo Paralímpicos. 2. Deficiência. 3. Corpo. 4. Mídia. I. Lidia Garcia de Faria. II. O Deficiente/ a Deficiência Como Acontecimento Discursivo Nos Jogos Paralímpicos: .

CDU 81'42-056.26

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Regional de Cáceres

LÍDIA GARCIA DE FARIA

O DEFICIENTE/ A DEFICIÊNCIA COMO ACONTECIMENTO DISCURSIVO NOS JOGOS PARALÍMPICOS

BANCA EXAMINADORA
Profa. Dra. Olimpia Maluf-Souza Orientadora – PPGL/UNEMAT
 Profa. Dra. Joelma Aparecida Bressanin
Avaliadora Interna – PROFLETRAS/UNEMAT
 Profa. Dra. Águeda Aparecida da Cruz Borges
Avaliadora Externa – PPGL/UFMT-Campus
Profa. Dra. Vera Regina Martins e Silva Suplente – PPGL/UNEMAT
- wp. 21 02 01 .2
APROVADA EM: /

RESUMO

Neste estudo, inscrevemo-nos na linha de pesquisa Estudos de Processos Discursivos do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso. O objeto de análise da pesquisa são os sentidos discursivos no que tange à deficiência/ao deficiente, produzidos nas condições de produção dos Jogos Paralímpicos. Buscamos compreender os efeitos de sentidos que permeiam os discursos inscritos nos jogos a partir da campanha #somostodosparalímpicos da revista Vogue Brasil. Como fundamentação teórica, trabalhamos com a Análise de Discurso de linha francesa e mobilizamos as nocões de condições de produção, sujeito, ideologia, corpo e mídia. O corpus de pesquisa se constituiu de quatro recortes: nomeação "Paraolimpíada x paralimpíadas"; enunciado da campanha #somostodosparalímpicos; imagens da campanha; comentários de internautas. Através da análise destes materiais podemos compreender que a mudança da nomeação está relacionada às relações de poder e à necessidade de apagar os sentidos de paralelo, que é constitutivo dos jogos Paralímpicos. No que diz respeito à deficiência, observamos que ela está atrelada aos sentidos de corpo faltoso e tenta produzir o corpo dos atores como falta, assim a revista marca a sua posição como ditadora de um padrão ideal de corpo. Já os dizeres dos internautas marcam os diferentes sentidos que são produzidos em diferentes condições de produção, mostrando que a língua é sujeita à falha e ao equívoco. E mesmo a mídia constituída por um imaginário do dizer verdadeiro é sujeita à falha e se contradiz. Desse modo, constatamos que a referida campanha produziu efeitos de sentidos contraditórios ao da igualdade, que tanto foi anunciada e a necessidade de divulgar a venda de ingressos faz significar a via paralela dos Jogos Paralímpicos, via da exclusão, e assim, coloca a deficiência como digna de solidariedade e compaixão.

Palavras-chave: Jogos Paralímpicos; Deficiência; Corpo; Mídia

ABSTRACT

In this study, we are enrolled in the research line Discourse Process Studies of the *Programa* de Pós-Graduação em Linguística of the State University of Mato Grosso. Analyzing the senses of deficiency /deficient, produced in the conditions of production of the Paralympic Games. We sought to understand the effects of meanings that permeate the speeches enrolled in the games from the campaign #somostodosparaolímpicos of Vogue Brazil magazine. We joined with French Line Discourse Analysis and mobilize the notions of production, subject, ideology, body and media conditions. The corpus of research was constituted of four cuts: appointment "Paraolimpíada x paralimpíadas"; statement of the #somostodosparaolímpicos campaign; campaign images; comments from web users. Through the analysis of these materials we can understand that the naming change is related to the power relations and the need to erase the parallel senses, which is constitutive of Paralympic games. With regard to disability, we observe that it is linked to the senses of the faulty body and tries to produce the body of the actors as lack, so the magazine marks its position as dictator of an ideal body pattern. Already the words of internet users mark the different senses that are produced in different conditions of production, showing that the language is subject to failure and misunderstanding and, therefore, the media contradicts itself. Thus, through this study, we verified that the campaign has produced contradictory meanings of equality, which has been announced so far, and the need to publicize the sale of tickets means the Paralympics parallel route, route of exclusion, and thus, places disability as worthy of solidarity and compassion.

Keywords: Paralympic Games; Disability; Body; Media

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Propaganda Nazista de extermínio à deficiência / ao deficiente
Figura 2 - Logomarca dos Jogos Paralímpicos/Rio 2106
Figura 3 - Logomarcas dos Jogos Paralímpicos – Tóquio (1964) a Londres (2012) 24
Figura 4 - Foto de divulgação da campanha <i>Somos Todos Paralímpicos</i> , da revista <i>Vogue</i> (Cleo Pires e Paulo Vilhena)
Figura 5 - Foto de divulgação da campanha <i>Somos Todos Paralímpicos</i> , da revista <i>Vogue</i> (Cleo Pires e Paulo Vilhena com os paratletas Bruna Alexandre e Renato Leite, nos bastidores da campanha)
Figura 6 - Cleo Pires (Foto: André Passos)
Figura 7 - Bruna Alexandre (Foto: Reprodução/ <i>Instagram</i>)
Figura 8 - Paulo Vilhena (Foto: André Passos)
Figura 9 - Cléo Pires e Renato Leite na <i>Vogue</i> de Setembro
Figura 10 - Justificativa da revista <i>Vogue</i> Brasil

SUMÁRIO
INTRODUÇÃO
CAPÍTULO I
A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA E IDEOLÓGICA DOS JOGOS PARALÍMPICOS
1.1 Os Jogos Paralímpicos na cidade maravilhosa
1.2 Revista <i>Vogue</i> : a indústria de divulgação do "sonho americano"
1.3 O processo histórico-ideológico de constituição da deficiência/do deficiente
CAPÍTULO II
A IMPOSIÇÃO DO CORPO CONSTITUÍDO PELA FALTA NOS JOGOS PARALÍMPICOS
2.1 A constituição do corpo na perspectiva psicanalítica
2.2 A constituição discursiva do corpo
2.3 O imaginário de corpo deficiente
CAPÍTULO III
UM (NÃO) LUGAR DE PERTENCIMENTO: A MÍDIA A SERVIÇO DOS JOGOS PARALÍMPICOS
3.1 Paraolimpíada x paralimpíadas: sentidos dados pela nomeação
3.2 #somostodosparalímpicos: efeitos produzidos pela campanha
3.3 Corpo faltoso e corpo perfeito: imagens da campanha
3.4 Comentários de internautas: sentidos em movência na rede
CONSIDERAÇÕES FINAIS

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é parte de um processo que se iniciou, antes mesmo do Mestrado, com o projeto de Iniciação Científica (IC), ainda na graduação. Ao iniciar a pesquisa de IC, um novo olhar para a deficiência e para o mundo começou a se constituir. Naquele momento, nosso objetivo era o de analisar como o sujeito deficiente era significado nas Constituições da República Federativa do Brasil. Ao final do estudo, pudemos considerar que há dois vieses de significação para a deficiência: um pela via da incapacidade e o outro pela via do assistencialismo, de modo que essas posições se subsomem, em inúmeras situações.

A constatação dessas duas posições levou-nos a estar sempre em escuta sobre o deficiente/a deficiência, direcionando nosso olhar de pesquisadora para tudo o que fosse relativo ao assunto. Mais atualmente, buscamos compreender o processo de "inclusão" da pessoa com deficiência, e ao ingressar no mestrado o nosso interesse voltou-se para o processo de inclusão processado nas escolas, a partir da perspectiva das legislações específicas para o deficiente/a deficiência.

Nesse processo de busca, interessou-nos especialmente a campanha para venda de ingressos para os Jogos Paralímpicos, divulgada no *Instagram*¹ da revista *Vogue* Brasil² – #SomosTodosParalímpicos, que impôs-nos inúmeros questionamentos que se colocaram sobre a campanha, pois algo de imperioso se instalou sobre o funcionamento do discurso da *igualdade*, posto em circulação pela campanha dos Jogos Paralímpicos. Assim, partindo da premissa de que os sentidos não estão dados, que eles vão se constituindo, foi no processo de escrita desta pesquisa que os sentidos foram se constituindo, culminando em um resultado surpreendente.

Neste trabalho buscamos compreender, então, os sentidos de deficiência/de deficiente, postos em circulação pela perspectiva dos Jogos Paralímpicos, examinando como se deu/se dá a instituição das Paralimpíadas e quais as condições de produção desses jogos. Para este investimento, filiamo-nos teoricamente à Análise de Discurso de linha francesa, que tem como objeto de estudo o discurso, considerado como "efeito de sentidos entre interlocutores".

¹ O *Instagram* é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais, como Facebook, Twitter, Tumblr e Flickr. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Instagram. Acesso em 11 jul. 2018.

² Disponível em https://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2016/08/somos-todos-paralimpicos-campanha-com-cleo-pires-e-paulinho-vilhena.html. Acesso em 23 mar. 2017.

Nosso material de análise constituiu-se da campanha "Somos Todos Paralímpicos", lançada no *Instagram* da revista *Vogue* Brasil, que traz, na matéria de publicação, os atores globais Paulo Vilhena e Cleo Pires como embaixadores dos Jogos Paralímpicos.

Deste modo, nossa análise abarca ainda os comentários, postos em circulação nas redes sociais, que surgiram a partir do lançamento da campanha, que, como mostraremos, é uma mídia voltada para um público seleto, "perfeito", bem sucedido, ligado ao sucesso e à moda. Assim, o *corpus* da pesquisa se constitui de enunciados e imagens que circularam no *Instagram* e no *Site* da revista *Vogue*, entre os dias 05 a 21 de agosto de 2016, período que antecedeu os Jogos Paralímpicos, no Rio de Janeiro.

Durante o processo de construção do corpus, deparamo-nos com a mudança de nomeação dos Jogos, de *Paraolímpicos* para *Paralímpicos*, o que nos fez compreender os efeitos de sentidos dessa mudança em todo o material recortado acerca da campanha #somostodosparalímpicos.

Para compor este estudo, trazemos, no primeiro capítulo, a abordagem discursiva dos modos como a deficiência significou no período da Segunda Guerra Mundial e no pós-guerra, tomando os sentidos constituídos desde a primeira Paralimpíada, surgida logo após a Segunda Guerra Mundial, até a sua última versão, as Paralimpíadas realizadas no Brasil, no Rio de Janeiro, em 2016, buscando compreender, a partir dessas condições de produção, como se dá o deslocamento das relações de sentidos.

Orlandi (2009) compreende as condições de produção (CPs) do discurso como aquelas que abarcam os sujeitos, a situação e a memória. Segundo a autora, as CPs podem ser consideradas em sentido estrito, imediato, levando em consideração as circunstâncias da enunciação; e em sentido amplo, que inclui o contexto histórico-ideológico. A análise das CPs dos jogos paralímpicos implica a compreensão, enquanto discurso, do contexto e da constituição histórico-ideológica do evento.

Como nosso material de análise está circunscrito à revista *Vogue*, nesse capítulo trazemos ainda um pouco do funcionamento dessa mídia, que se volta para as questões de moda, portanto, do corpo, da beleza e do sucesso pessoal.

A compreensão de que o corpo é alvo de reflexão discursiva e que é foco de constante atenção do público alvo da Revista, pela perfeição, sucesso e beleza, levou-nos a tomar, no segundo capítulo, os modos de constituição do corpo faltoso do deficiente. Dedicamo-nos, então, a pensar o corpo pela perspectiva psicanalítica, enquanto efeito de um imaginário que se faz na relação com o (O)outro. Em um segundo momento, pensamos o corpo pela perspectiva da Análise de Discurso, buscando compreender o corpo como

materialidade significante do sujeito, que se constitui pelo atravessamento da ideologia. Assim, chegamos ao corpo do deficiente, um corpo faltoso, que se constitui imaginariamente pelos sentidos de falta.

Finalmente, no terceiro capítulo, trazemos as análises dos materiais de linguagem que selecionamos para pensar a deficiência pela perspectiva dos Jogos Paralímpicos, podendo pensar a mídia a serviço dos sentidos instalados para os Jogos Paralímpicos enquanto um lugar de (não) pertencimento. Assim, o *corpus* desta pesquisa faz-se sobre quatro recortes: 1) os sentidos dados pela nomeação *Paraolimpíada* x *Paralimpíadas*, quando buscamos compreender os efeitos da mudança na nomeação do evento; 2) os efeitos produzidos pela campanha #somostodosparalímpicos, na qual demos visibilidade à contradição produzida, enquanto efeito, pelos sentidos de igualdade, posto pelo enunciado; 3) as imagens da campanha, que significando o corpo faltoso, fazem dele um simulacro engodado no corpo perfeito, visto que não lhe é dado pertencimento possível na revista de modas; 4) os comentários, instalando posições e sentidos acerca dos recortes.

CAPÍTULO I

A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICO-IDEOLÓGICA DOS JOGOS PARALÍMPICOS

Para compreendermos os sentidos que instituíram os jogos paralímpicos tomamos como marco histórico a instalação e os efeitos da Segunda Guerra Mundial, que se instalou como um *acontecimento discursivo* para a compreensão da deficiência/do deficiente.

Pêcheux (2015, p. 16) define o acontecimento discursivo como o "[...] ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória":

[...] a memória tende a absorver o acontecimento, como uma série matemática prolonga-se conjeturando o termo seguinte em vista do começo da série, mas o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmanchar essa "regularização" e produzir retrospectivamente uma outra série sob a primeira, desmascarar o aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal e que é assim o produto do acontecimento; o acontecimento, no caso desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior. (PÊCHEUX, 2010, p.52)

A Segunda Guerra Mundial representou um marco para os sentidos de deficiência, pois ela foi significada como uma maldição a ser destruída, por serem os deficientes considerados monstros, incapazes³. Contudo, no pós-guerra, a deficiência passou a ser significada pelo assistencialismo, pois os soldados que voltavam com as sequelas da guerra, portanto, deficientes, deveriam ser cuidados.

No período de guerra, as pessoas com deficiência eram, conforme Gasparetto Junior⁴, massacradas e mortas, por não fazerem parte de um padrão que buscava a perfeição dos corpos, tanto para alcançar as condições de produção e de consumo daquele período quanto como condição para enfrentar as durezas do *front*⁵ com destreza, resistência e habilidade.

Desse modo, a pessoa com deficiência era considerada uma maldição, visto que impedia o crescimento da nação e não correspondia ao padrão de beleza física idealizada e

³ Temos ciência de que a história da deficiência antecede, em muito, a Segunda Guerra Mundial, contudo elegemos contá-la a partir desse marco histórico em razão da forma como o nazismo considerava a deficiência e no quanto a guerra contribuiu para tornar deficientes os soldados que nela lutaram, entre eles os próprios alemães, tidos por Hitler e seus seguidores como *a raça perfeita*.

⁴ GASPARETTO JUNIOR, Antônio. "Aktion 4". Disponível em https://www.infoescola.com/segunda-guerra/aktion-t4/. Acesso em 05 jul. 2017.

⁵ O *front* é o campo de batalha, a linha de frente que faz a fronteira entre os soldados e seus inimigos.

buscada por Adolf Hitler, para *a raça ariana*⁶. Esse movimento, que instalou o Nazismo na Alemanha, foi o maior responsável pela dizimação de grande parte do povo judeu e pelo maior genocídio histórico contra os deficientes.

A Segunda Guerra Mundial teve início oficialmente em 1939, quando a Alemanha invadiu a Polônia, derrotando-a em um mês, a partir daí a Alemanha ganhou uma série de países aliados com o objetivo de expandir seu território.

O estopim da Segunda Guerra começou com a assinatura, pela Alemanha, do Tratado de Versalhes, no qual o país assumia a sua derrota na Primeira Guerra Mundial e abria mão de parte do seu território, ações que colocaram o país em um longo período de crise.

Nesse contexto, Hitler, discordando da derrota, começou a difundir suas ideias para anular o tratado. No entanto, o líder não era o único a não concordar com a situação de derrota da Alemanha, assim, associando-se aos descontentes, assumiu, em 1921, a direção do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, criado um ano antes por Anton Drexler, fazendo surgir, em seu lugar, o Partido Nazista, que liderou até a sua morte, no fim da segunda grande guerra.

O partido Nazista, após nove anos de surgimento, começou a ganhar popularidade e apoio dos alemães, pois prometia recuperar o território alemão e reestabelecer um estado forte, retirando o país da crise econômica em que se encontrava. Junto deste propósito, o partido perseguia os princípios da eugenia para a nação alemã, buscando o aprimoramento de uma "raça perfeita", constituída por alemães, brancos, altos e fortes, enfim, a raça ariana sem nenhuma forma de deficiência.

Dentre os princípios do Nazismo, interessa-nos compreender como a deficiência era significada, pois o período do Nazismo compreendeu, principalmente, o momento de segregação e genocídio racial de judeus pelos arianos. O objetivo do partido, segundo Gasparetto Junior, era o de transformar o país, sacrificando aqueles que eram considerados responsáveis pelo fracasso do povo alemão, o que implicou na necessidade de aprimoramento

.

⁶ O conceito de raça ariana ou arianismo surgiu nos primeiros séculos do cristianismo e decorreu, originalmente, de uma forma de pensamento filosófico que não considerava Jesus Cristo e Deus como uma só pessoa, pois defendia que Jesus era apenas o filho de Deus. Etimologicamente, a palavra *arianismo* surgiu a partir de Ário, um padre cristão de Alexandria que teria criado esta nova doutrina. O arianismo foi uma das bases do pensamento nazista, pois Hitler afirmava, durante a Segunda Guerra Mundial, que os alemães descendiam da mais pura linhagem de seres humanos, formados por pessoas altas, fortes, brancas e inteligentes. Disponível em https://www.significados.com.br/arianismo/. Acesso em 29 mai. 2017.

Termo criado, em 1883, por Francis Galton que significa "bem nascido". O autor definiu eugenia como sendo "[...] o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente". Assim, a Eugenia, em termos atuais, é a teoria que busca produzir uma seleção nas coletividades humanas, baseada em leis genéticas. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Eugenia. Acesso em 05 dez. 2017.

da raça alemã, que deveria ser composta de homens brancos, altos, fortes, inteligentes, puros e sem nenhum defeito ou imperfeição.

Para o projeto de purificação da raça alemã, iniciou-se o maior genocídio histórico de judeus, ciganos, homossexuais e pessoas com deficiência, que eram mortas em câmaras de gás, com o propósito de aprimorar, pela eliminação destes, a raça ariana. Assim, no período do Nazismo, o propósito era o de eliminar sumariamente a deficiência, que significava a imperfeição, a falha, a falta, o defeito, não como uma constatação que merecesse atenção, tratamento ou intervenção, mas como algo que devesse ser eliminado, suprimido.

O tratamento dispensado ao deficiente remontava, em certa medida, a memória de discursividades religiosas da Idade Média, quando as pessoas deficientes eram amaldiçoadas, consideradas como possuídas pelo mal, devendo, portanto, ser abandonadas e mortas. O diferencial entre os dois períodos era o de que, no primeiro momento, a crença popular, influenciada pela Igreja, defendia a deficiência como decorrente da possessão pelo mal, enquanto, no segundo, o discurso predominante era o científico, pois eram os médicos, baseados nos princípios da eugenia, que avaliavam quem deveria viver ou morrer.

Os princípios eugenistas, um desdobramento da teoria de Darwin, criaram o que se convencionou chamar de

[...] Evolucionismo Social, também conhecido por "Darwinismo Social" ou "Racismo Científico", [...] uma corrente de pensamento antropológico que utiliza os princípios da Teoria da Evolução das espécies para justificar o desenvolvimento das sociedades. [...] grupos sociais começam num estado animalesco e vão alcançando o desenvolvimento conforme se tornam mais civilizados. O [...] Darwinismo Social ajudou a propagar ideias de racismo, como o imperialismo, fascismo e o nazismo, gerando uma lastimável guerra entre grupos sociais e étnicos, [pois defendia] [...] que existiam sociedades humanas superiores a outras, e que estas deveriam "dominar" as inferiores com o objetivo de "civilizá-las" e ajudá-las no seu "desenvolvimento".

Hitler acreditava poder transformar a Alemanha em uma nação forte e independente, pela superioridade da raça alemã sobre todas as outras. Assim, movido por esse entendimento, o líder alemão determinou o extermínio das raças consideradas inferiores, bem como, exterminou, entre os próprios alemães, os homossexuais, os ciganos e os deficientes. Em relação aos deficientes, especificamente, os médicos do partido eram obrigados a matar os recém-nascidos que tivessem alguma deficiência e a caçar deficientes, que eram escondidos

-

⁸ O cientista inglês Charles Darwin defendeu a teoria evolucionista, alegando que as espécies vivas evoluem e se adaptam, através de modificações lentas e progressivas, adequadas ao ambiente em que vivem. Assim, são os ambientes que "selecionam", pelo processo de "seleção natural", os organismos mais adequados para habitar determinado lugar. Disponível em https://www.significados.com.br/evolucionismo/. Acesso em 29 mai. 2017.

por familiares. Dessa maneira, com o intento de exterminar os deficientes, Hitler lançou mão de campanhas que solicitavam aos parentes e à população em geral para que levassem os deficientes para um local determinado, para que fosse realizada a eutanásia⁹.

As campanhas de incentivo à eutanásia de deficientes faziam-se alegando especialmente os altos custos que a nação tinha com uma população que representava um gasto sem retorno, tanto para o governo quanto para as próprias famílias.

Trazemos, então, uma propaganda do Nazismo (Figura1), pela qual damos visibilidade ao discurso adotado pelos nazistas sobre a deficiência, um discurso pautado pela relação custo/benefício, ou seja, a pessoa com deficiência implicava em um investimento alto, que abarcava grande parte dos impostos pagos pelo povo alemão, e o retorno, o benefício/ o retorno era baixíssimo ou nenhum.

A propaganda produzia efeitos de sentido que faziam significar o extermínio, pois ao exterminar o deficiente todos ganhariam: a família, o povo alemão e o Estado. Desse modo, mesmo que o cartaz não textualizasse sobre o extermínio, era a ele que a propaganda aduzia, quando conclamava a todos, especialmente as famílias, a entregarem voluntariamente os deficientes para a morte. Ou seja, a memória que o cartaz mobiliza é o da morte e do extermínio de milhares de deficientes, como "solução" para a minimização dos gastos do governo, para que os fundos fossem destinados aos fins bélicos e aos sentidos expansionistas.

Nessa direção, podemos observar, na campanha nazista, os sentidos de extermínio remetidos aos de eutanásia, pois o extermínio é considerado crime em todo o mundo, contudo, a eutanásia, como saída assistida para um mal incurável, não é crime em alguns países. O que nos remete aos sentidos de eutanásia é a imagem que aparece na propaganda, pois nela podemos notar um homem que segura gentilmente o outro pelo ombro. O sujeito de pé, de branco faz funcionar sentidos de que ele seja um médico, um enfermeiro, um cuidador, que se acerca de um homem sentado, com *facies sindrômica* de deficiência.

O cartaz refere-se, então, ao sujeito deficiente como aquele que causa gastos, aquele que carrega um mal incurável, aquele que nunca retornará nada em termos de produção e de consumo, aquele que é apenas um fardo oneroso para todos, portanto, aquele que emperra o desenvolvimento, aquele que força a destinação de verbas que nada retornam, verbas que poderiam ser usadas para fins produtivos, fins benéficos para todos. Ora, se a "pessoa é

_

⁹ De acordo com o Dicionário Houaiss Eletrônico, a eutanásia tem três acepções: 1) morte calma, serena, sem dor; 2) ato de proporcionar a morte sem sofrimento a um doente atingido por afecção incurável que produz dores intoleráveis; 3) direito de matar ou morrer por tal razão. A eutanásia é tida como crime, pelo Direito Penal Brasileiro. Disponível em https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#4. Acesso em 29 mai. 2017.

portadora de defeitos hereditários", ela não tem volta, não tem cura, não se tornará produtiva e, então, ela devia ter uma morte assistida, acompanhada por um médico, cuidadoso, um médico com ar gentil, uma pessoa cuja presença terna apaga o ato de extermínio dos deficientes em fornos de cremação. Afinal, os sentidos de eutanásia são menos nefastos que os de extermínio.

A deficiência é marcada no corpo, ou, dito de outro modo, a materialidade da deficiência é o corpo, pois a deficiência é um dizer instalado no corpo deficiente que a constitui. Na propaganda, as pernas atrofiadas, as mãos engruvinhadas, a expressão em desalinho fazem significar o sujeito deficiente, que se contrasta com a imagem do médico enquanto expressão da perfeição buscada para a raça ariana.



Figura 1

Propaganda Nazista de extermínio à deficiência / ao deficiente 10

Conforme Gasparetto Junior¹¹, esse projeto de eliminação dos deficientes se deu através do programa *Aktion T4*: um programa de eutanásia, cujo nome decorre do endereço

¹⁰ Em tradução livre o cartaz afirma: "60 000 marcos é o que essa pessoa portadora de defeitos hereditários custa ao povo durante sua vida. Companheiro é o seu dinheiro também". Disponível em http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/23429/hoje+na+historia+1941+-

⁺hitler+e+denunciado+por+programa+de+exterminio+de+deficientes+fisicos+e+mentais.shtml. Acesso em 23 jan. 2017.

¹¹ GASPARETTO JUNIOR, Antônio. "Aktion 4". Disponível em https://www.infoescola.com/segunda-guerra/aktion-t4/. Acesso em 05 jul. 2017.

Tiergartenstrasse 4, em Berlin, no qual a população era incentivada a denunciar pessoas consideradas "indesejadas".

Para que esse projeto funcionasse, as propagandas tinham o papel de disseminar sentidos de indesejado para os deficientes, de fazer circular uma memória do branco europeu perfeito em comparação com o feio, o indesejado, o oneroso, o sem perspectiva de retorno. Assim, mesmo que as propagandas não dissessem da eutanásia ou do extermínio, eram aos sentidos de exclusão e de morte dos deficientes que elas referiam, resguardadas pelo ar carinhoso do médico e pelo argumento de melhor destinação das finanças do Estado.

Segundo o autor, Hitler tentou manter o programa em sigilo, mas logo começaram a surgir denúncias, assim, seu funcionamento, que durou de 1939 a 1941, conseguiu exterminar aproximadamente 275 mil pessoas, apesar do pouco tempo de duração. Esse número foi informado pelo *Tribunal de Nuremberg*¹², que investigou a ação do programa e verificou que muitos médicos continuaram trabalhando ocultamente com a eliminação de deficientes, mesmo depois da sua proibição.

Além dos objetivos de formar uma "raça pura" e de redirecionar os gastos do governo, Hitler também almejava conquistar territórios e tornar a Alemanha forte economicamente, razão pela qual entrou em conflito com diversas nações. Não detalharemos as conquistas e as derrotas do líder nazista, pois o nosso interesse é o de compreender como o nazismo interpretava a pessoa com deficiência e, em consequência à saga expansionista, os soldados alemães que se mutilavam durante a guerra, que durou aproximadamente seis anos¹³.

Do ponto de vista psicológico, os soldados, em sua maioria, apresentavam, como sequelas da guerra, as características do transtorno de estresse pós-traumático: retorno às cenas de combate, paranoias, dificuldade de voltar ao convívio familiar, social e profissional¹⁴. Os heróis destruídos pela guerra carregavam todas as formas de sequelas físicas, mentais, sensoriais e emocionais, ampliando significativamente as estatísticas das pessoas com deficiência.

¹² O *Tribunal de Nuremberg* foi uma junta militar internacional criada para julgar o alto escalão nazista por crimes de guerra e contra a humanidade durante a 2ª Guerra Mundial. Os procedimentos deste tribunal duraram de novembro de 1945 a outubro de 1946.

¹³ Hitler cometeu suicídio em 30 de abril de 1945, após uma sucessão de derrotas que marcaram o fim da segunda guerra mundial, deixando a Alemanha totalmente destruída, empobrecida e rendida aos aliados.

¹⁴ Como resposta aos eventos trágicos da Segunda Guerra Mundial, criou-se, em outubro de 1945, a Organização das Nações Unidas – ONU, com o propósito de manter a paz entre as nações e ajudar vítimas da guerra, principalmente os soldados que retornaram traumatizados, tanto psicológica quanto fisicamente.

Essa enormidade de homens destruídos pela guerra gerou, de acordo com Garcia (2011)¹⁵, o desenvolvimento de programas e a criação de centros de treinamento e de assistência para veteranos de guerra, especialmente nos países europeus.

A postura assistencialista para com os deficientes decorria/decorre daquilo que Pêcheux (2009, p.146) descreve como sendo da ordem das *formações ideológicas*:

[...] aquilo que, numa dada formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulando sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.). [...] o *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe 'em si mesmo' (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é reproduzidas).

[...] formações discursivas que representam 'na linguagem' as formações ideológicas que lhes são correspondentes.

Em outras palavras, essa assistência aos deficientes marcou ideologicamente modos de "aceitar" e de "integrar" os deficientes, que ainda hoje produzem seus efeitos.

O contexto assistencialista fez surgir os hospitais de reabilitação para os militares de guerra, cujo objetivo era o de reabilitá-los e de recolocá-los na sociedade. Assim, fazia parte desse programa de reabilitação a prática de esportes tentando resgatar potencialidades, o que desencadeou, a partir de 1946, movimentos organizados de esporte para pessoas com deficiência.

Esse funcionamento produziu deslizamentos de sentidos, tanto nos modos como conceber o deficiente/a deficiência como nos modos de tratá-lo e de "incluí-lo", pois o retirou da invisibilidade para colocá-lo exposto, pelos jogos, à capacidade de superação dos limites impostos pela própria deficiência.

Os jogos tinham, como já mencionamos, o propósito de fazer voltar ao convívio social os soldados que a guerra tinha destruído e que estavam, portanto, sem condições de voltar a ter uma vida social "normal", em razão dos problemas emocionais (neuroses e psicoses) e físicos (amputações, cegueira, retardo etc.) que apresentavam. Assim, médicos e educadores físicos dos hospitais de reabilitação acreditavam que o contato com o esporte proporcionava aos soldados perspectivas de reinserção social, através da melhoria das condições físicas, mentais, psicológicas etc.

¹⁵ GARCIA, Vinícius Gaspar. "As pessoas com deficiência na história do mundo". Disponível em http://www.bengalalegal.com/pcd-mundial. Acesso em 05 jul. 2017.

Pontes (2008) afirma que, após a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, os cientistas passaram a empregar esforços para compreender como os diferentes tipos de lesões influenciavam no comportamento humano e como se poderia remediá-los, fazendo crescer os estudos na área de reabilitação neuropsicológica.

Segundo o autor, na União Soviética, o neurologista Luria organizou, no período da segunda guerra, um hospital para soldados com lesões no cérebro, cujo tratamento de reabilitação visava à qualidade de vida dos pacientes e familiares, assim o neurologista realizava trabalhos cujo enfoque era dado para as funções preservadas no cérebro, em detrimento das lesionadas, objetivando a aquisição de novas habilidades. Dessa maneira, o cientista, defendendo a plasticidade do sistema nervoso central, não investia na área lesionada, mas na capacidade de compensação de uma área cerebral sadia sobre a lesionada, compensando a perda.

É, pois, nesse momento histórico que se estabeleceu uma intersecção entre a neuropsicologia e o behaviorismo, uma vez que ambas as áreas buscavam aprimorar a condição humana no pós-guerra. Na Rússia, Luria e seguidores, juntamente com Vygotsky, buscavam pelo investimento nas potencialidades neurológicas sadias do sujeito, enquanto nos Estados Unidos, pela crença no condicionamento operante, Skinner buscava, através de estímulos externos, resgatar o comportamento desviado do homem do pós-guerra.

Os avanços nos estudos do comportamento, de Skinner, inclui o condicionamento operante, portanto, o comportamento voluntário dos sujeitos, ou seja, o sujeito pode voluntariamente sair de uma situação traumática, apenas pelos estímulos externos adequados que o meio lhe favorece.

Pontes (2008) explica que na análise do comportamento de Skinner é importante compreender o pensamento, a cognição, como um comportamento privado ou oculto, pois, para o psicólogo americano, "pensar é comportar-se".

Segundo Sampaio (2005), Skinner elabora o conceito de comportamento operante, em 1937, explicando-o pela ação ou operação dos organismos sobre o mundo, a partir de estímulos adequados fornecidos pelo meio, o que possibilitava prever e trabalhar o efeito das suas consequências sobre as ações futuras.

Lampreia (1992) afirma que, no modelo de condicionamento operante, o comportamento é controlado por uma contingência de reforço que envolve três termos: um *estímulo antecedente*, a *resposta* e um *estímulo consequente* ou reforçador, que fortalece e mantém a resposta. Esse método do condicionamento operante funciona por uma relação necessária entre um comportamento e uma consequência.

Skinner desenvolveu seu método para ser utilizado com os soldados que voltavam com sequelas da guerra, pois, para o autor, os seus comportamentos negativos decorriam de condições externas, que, se contornadas, tornariam possível sua recuperação, assim, era possível e necessário recondicioná-los com estímulos positivos.

Dentre os estímulos positivos, para recuperar os soldados do pós-guerra, o esporte se destacou, pois fez com que médicos obtivessem resultados, uma vez que soldados sequelados, física e mentalmente pela guerra, voltavam a se sentir capazes de realizar algo e, assim, de sentirem-se úteis novamente.

Nesse contexto de embates sobre o melhor modo de recuperar os deficientes produzidos pelas grandes guerras mundiais, surgem as primeiras inciativas de redirecioná-los para o esporte, o que culminou nas Paralimpíadas.

A primeira tentativa de emprego dessa forma de tratamento foi criada pelo médico neurologista, Ludwig Guttmann, de origem judia, também alvo do nazismo. Guttmann saiu da Alemanha, em 1939, e se instalou na Inglaterra, onde passou a dar aulas na Universidade de Oxford. Logo foi nomeado para chefiar o Centro Nacional de Traumatismos, em Stoke Mandeville, reabilitando soldados que serviram na Segunda Guerra Mundial. Assim, a proposta de reabilitação adotada pelo médico incluía o uso do esporte – basquetebol, tiro com arco, dardos e bilhar – como ferramenta no tratamento de seus pacientes. Com isso, não só obtinha bons resultados com os veteranos de guerra, como contribuía para o aprimoramento da reabilitação, pelo esporte.

Em 28 de julho de 1948, Guttmann promoveu, então, o primeiro evento esportivo para pessoas com deficiência, no mesmo dia em que eram realizados os jogos olímpicos de Londres. A primeira competição foi realizada com atletas em cadeiras de rodas e teve, na disputa de arco e flecha, a participação de 16 atletas paraplégicos.

O evento do médico ganhou força e tornou-se anual. Em 1952, ex-soldados holandeses participaram dos jogos de Stoke Mandeville e, juntamante com os ingleses, fundaram a Federação Internacional dos Jogos de Stoke Mandeville (International Stoke Mandeville Games Federation – ISMGF), tornando internacionais os jogos praticados pelos deficientes.

Oficialmente, foi somente em 1960 que os Jogos Paralímpicos foram realizados pela primeira vez, na cidade de Roma, na Itália, sendo organizado por Antonio Maglio, diretor do Centro de Lesionados Medulares da cidade de Ostia. A primeira Paralimpíada oficial contou com 400 atletas, de 23 países, concorrendo em 13 esportes. Desde então, os jogos passaram a ocorrer quadrienalmente, nos mesmos anos dos Jogos Olímpicos.

Em 1976, os primeiros Jogos Paralímpicos de Inverno foram realizados em Örnsköldsvik, na Suécia, atraindo mais de 250 atletas, de 17 países. Contudo, a nomeação oficial do evento, conforme o Comitê Paralímpico Internacional (CPI), foi primeiramente Olimpíadas dos Portadores de Deficiência e a mudança para Paraolimpíada deu-se em 1984.

A nomeação deu-se em razão da junção da palavra *olimpíada* com o prefixo grego *para*, que significa "ao lado, além" e, por extensão metafórica, "anormal, defeituoso", assim, as paraolimpíadas ¹⁶ referem-se aos jogos praticados em uma competição esportiva que possui a mesma estrutura de uma olimpíada e que se destina aos atletas portadores de algum tipo de deficiência física, ou seja, é a olímpiada voltada para o anormal, o defeituoso, o deficiente.

A realização das Paraolimpíadas no mesmo local das Olimpíadas só ocorreu a partir de Seul, em 1988, e de Albertville, 1992. No ano de 1989, funda-se, oficialmente, na Alemanha, o Comitê Paraolímpico Internacional, enquanto órgão governamental global do Movimento Paraolímpico, entidade que se tornou responsável por garantir a realização desse evento. Finalmente, em 2000 ocorreu um acordo de cooperação com o Comitê Olímpico Internacional para que a realização das Paraolimpíadas passasse a se dar sempre no mesmo país das Olimpíadas.

De acordo com Marques (2009, p. 370),

Os Jogos Paraolímpicos sempre foram realizados no mesmo ano dos Jogos Olímpicos, porém nem sempre nos mesmos locais, em períodos próximos (logo em seguida) e utilizando as mesmas instalações. Isto só vai ocorrer de forma definitiva a partir de 1988, em Seul, Coréia do Sul. Em Atenas, Grécia, em 2004, celebrou-se a XII Paraolimpíada de verão, com participação de 3.806 atletas de 136 países. Dessa forma, os Jogos Paraolímpicos, que começaram como um evento com fortes implicações sociais e fins terapêuticos, tornaram-se o evento esportivo mais importante para as pessoas com deficiência em âmbito mundial.

Após esse período de reivindicações, as Paraolimpíadas começam a sofrer algumas mudanças significativas na sua estrutura financeira. Essa mudança no fator financeiro deu-se, conforme Marques (2013), pelo aumento no financiamento de atletas e equipes, e pelas estratégias de marketing, visando colocar o esporte como produto de mercado.

O autor afirma ainda que as receitas destinadas à participação do Brasil nos Jogos Paraolímpicos se alavancaram em 2008, com patrocínio das Loterias Caixa e da Cosipa, com montantes aproximados de R\$ 15 milhões e de R\$ 2 milhões, respectivamente. Esses

_

¹⁶ Disponível em http://origemdapalavra.com.br/palavras/paraplegico/. Acesso em 29 mai. 2017.

patrocínios fizeram funcionar o mercado esportivo gerando, então, um capital econômico que possibilitou investimentos na preparação e na competição dos atletas com comprometimentos.

Dessa maneira, toda a comercialização ocorrida no âmbito esportivo se deu em razão da necessidade de transformar o espectador em consumidor, ou seja, o objetivo dos patrocínios era/ é o de gerar novos consumidores:

Existe uma interdependência entre mídia, exposição e acúmulo de verbas no esporte-espetáculo, sob a qual os meios de comunicação precisam do esporte como conteúdo a ser comercializado e o esporte precisa ser divulgado de modo a gerar ganhos financeiros. Neste universo, tanto a mídia se adapta ao esporte, quanto às entidades esportivas moldam-se para que sejam comercializáveis pelos meios de comunicação (MARQUES, 2013, p. 584).

Como podemos observar, as Paraolimpíadas passaram a ser financiadas e a funcionarem pelo viés das demandas mercadológicas, pois, mais que fazer um investimento nos atletas, o patrocínio visava à divulgação de produtos, que geravam novos consumidores para as empresas patrocinadoras. Assim, nesses modos de comercialização da deficiência, o foco não é mais a recuperação da "pessoa com deficiência", mas a utilização da deficiência como ferramenta comercial de valor lucrativo. Desse modo, podemos afirmar que tanto os Jogos Olímpicos quanto os Paraolímpicos passam, na atualidade, por momentos de ressignificação.

Nas palavras de Aguiar (2016, p. 21)

Os Jogos Olímpicos, desde que concebidos pelo historiador e pedagogo francês Pierre de Frédy (Barão de Barão de Coubertin — 1863-1937), em 1894 e 1896, perderam muito de sua concepção original, para se tornarem um dos maiores eventos esportivos de todos os tempos. Ainda que envolvam disputas esportivas, envolvem, também e principalmente, **interesses econômicos, político-governamentais e midiáticos** que, de certo modo, os tornam mais um portentoso empreendimento empresarial do que uma disputa entre homens interessados em mostrar suas forças, destrezas, e velocidades (citius, altius, fortius, foi o lema idealizado pelo Barão de Coubertin para os Jogos Olímpicos por ele pensados). A despeito, ainda se constituem fonte de **inspiração** para as pessoas com deficiência espelharem-se e compreenderem que suas situações pessoais não são exclusivas, e que outros com as mesmas situações também se superaram pela prática esportiva, a ponto de se tornarem atletas (Grifos nossos).

A afirmação do autor se abre para um espaço produtivo para tratar dos/sobre os deslocamentos de sentidos, enquanto efeitos de uma organização social capitalista, na constituição da posição sujeito deficiente, pois o aspecto comercial, que é dado aos jogos de

modo geral, e aos Paraolímpicos, em especial, marca-se por uma relação com a mídia, que faz significar um novo momento. Assim, é justamente essa relação entre a mídia e a comercialização das Paraolimpíadas que desejamos compreender. Para tanto, tomamos como recorte para a análise as Paralímpiadas do Rio de Janeiro, de 2016, especialmente a campanha #somostodosparalímpicos, que circulou no Instagram da revista Vogue. Contudo, parece-nos necessário abordarmos antes algumas questões que acreditamos ser importantes para a compreensão do evento realizado no Brasil.

Dessa maneira, no próximo tópico, centramos o nosso olhar aos modos de constituição dos Jogos Paralímpicos na cidade do Rio de Janeiro.

1.1 Os Jogos Paralímpicos na cidade maravilhosa

A alteração na nomeação do evento implicou também mudanças na nomeação dos dirigentes dos jogos para deficientes, que antes era Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB), assim nomeado desde 1995, e que teve o nome alterado para *Comitê Paralímpico Brasileiro*, em 31 de dezembro de 2011, no evento de apresentação da logomarca das Paralimpíadas do Rio de Janeiro, em 2016:



A alegação para a perda do "o" – Paraolímpico para Paralímpico – foi anunciada pelo CPB como necessidade de o nome "se alinhar mundialmente aos demais países", o que

¹⁷ Disponível em http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2011/11/logomarca-dos-jogos-paraolimpicos-rio-2016-e-lancada-na-lagoa.html. Acesso em 29 mai. 2017.

fez o comitê estipular o prazo de 18 meses para que todas as entidades a ele filiadas se atualizem em termos da nova ortografia¹⁸.

É interessante nos atentarmos para o fato de que, desde a primeira à última logomarca apresentada (a do Rio 2016), os logos utilizados mantêm a mais variada formatação, sem fazer, contudo, referência direta à condição de deficiência dos atletas:

Figura 3



Logomarcas dos Jogos Paralímpicos – de Tóquio (1964) a Londres (2012)¹⁹

Os jogos Paralímpicos ocorreram na cidade do Rio de Janeiro, no período de 07 a 18 de setembro de 2016, alguns dias após as Olimpíadas, pois, como vimos mostrando, o direito/dever de sediar os dois eventos está intrínseca e legalmente ligado. Desse modo, no referido ano, o Brasil foi o país eleito para sediar ambos os jogos.

Aguiar (2016, p.23) afirma que todo o país que recebe os jogos deve se mobilizar de modo a garantir sua realização na cidade sede.

O Brasil conquistou o direito de sediar os Jogos Olímpicos e os Jogos Paralímpicos de 2016 na cidade do Rio de Janeiro (Jogos Rio 2016). [...] deve-se ressaltar que, embora seja a cidade do Rio de Janeiro seja a sede de ambos os Jogos, o Estado brasileiro está diretamente envolvido na sua realização, haja vista que, além de oferecer garantias (políticas, jurídicas e econômicas) aos Comitês Internacionais responsáveis pela realização dos Jogos, muitos dos investimentos e do regramento necessário para a concretização da infraestrutura necessária são de competência do Governo Federal.

¹⁸ A alteração na ortografia – de paraolímpico para o paralímpico – será analisada posteriormente neste estudo.

Disponível em: http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2011/11/logomarca-dos-jogos-paraolimpicos-rio-2016-e-lancada-na-lagoa.html. Acesso em 29 mai. 2017.

Como afirma o autor, o país, através do governo federal, é obrigado a fazer um investimento duplo para a realização dos dois eventos. Assim, o Brasil, ao ser escolhido como sede dos dois eventos, se compromete em fazer investimentos tanto para a construção de centros esportivos adaptados como adaptar toda a cidade para receber turistas e pessoas com deficiência.

No Brasil, o período de construção dos centros esportivos coincidiu com uma série de denúncias sobre corrupção, relativas a outro grande evento esportivo sediado pelo país: a Copa do Mundo, em 2014, que deixou obras inacabadas em várias capitais brasileiras e um rombo nas finanças do país. Deste modo, os Jogos Olímpicos e Paralímpicos chegam ao Brasil em um momento de crise econômica e com muitas críticas e revolta do povo brasileiro para com os investimentos realizados para os eventos.

Segundo Heusi (2015), os gastos com os dois eventos estavam orçados em R\$ 38,6 bilhões, divididos entre os três poderes (federal, estadual, municipal), sendo o investimento do governo federal da ordem de R\$ 1,9 bilhão. Os valores iniciais foram recalculados, os investimentos foram altos, contudo os resultados deixaram a desejar, pois muitas obras ficaram inacabadas e surgiram inúmeras e novas suspeitas de corrupção.

Além disso, no período dos jogos, o país passava por uma epidemia de Zika²⁰ (doença transmitida pelo mosquito da dengue), com uma quantidade considerável de bebês nascendo com microcefalia, em decorrência da doença, o que demandava investimento dos governos e assustava os turistas internacionais, que, ao movimentar o turismo no Brasil, deveriam cobrir boa parte dos investimentos realizados.

Outra questão a ser considerada era a crise política e financeira mundial que acometia o mundo e, em especial, o Brasil, que tinha o período marcado por greves, passeatas e manifestações públicas em todo o país contra o governo, caracterizando o momento como fortemente instável financeiramente. Dito de outro modo, os Jogos Olímpicos e Paralímpicos ocorrem em um momento de crise política e financeira no Brasil, fazendo surgir, desse modo, diversos questionamentos sobre os investimentos realizados e a qualidade das obras entregues, quando entregues.

Para além desse contexto econômico e político do país, a realização das Paralimpíadas, com datas próximas e na cidade sede dos Jogos Olímpicos, faz funcionar, por

_

²⁰ Apesar de reservamos uma seção para discutir sobre a mídia, ressaltamos que durante a realização dos jogos olímpicos e paralímpicos, a mídia carioca deu pouca ou nenhuma ênfase aos casos de Zika no estado e no Brasil. Esse funcionamento não é trivial, pois a Zika, apesar de causar uma significante deficiência mental, foi silenciada no período dos jogos, desviando, desse modo, os sentidos do expectador/ouvinte dos problemas do país, produzindo efeitos de eficácia para mídia enquanto um Aparelho Ideológico do Estado.

um lado, uma relação de igualdade, de pertencimento do atleta paranormal à categoria de atleta olímpico e, por outro, provoca uma comparação necessária e pouco saudável entre os dois eventos. Trata-se de uma comparação inevitável que se faz exatamente sobre os investimentos, o público e as performances dos atletas de um evento e de outro: o faturamento com a venda de ingressos – de altos valores e vendidos rapidamente, nos Jogos Olímpicos –, tiveram um público muito menor e ingressos vendidos a preços simbólicos, nos Jogos Paralímpicos.

A venda de ingresso cobre, em parte, os gastos com a realização dos dois eventos, dessa maneira, é necessário agilizar as vendas de ingressos e "atrair" o maior público possível, assim, o Comitê Paralímpico Brasileiro resolveu investir em campanhas, das quais recortamos para análise a produzida pela agência África e divulgada pela revista *Vogue* Brasil – #somostodosparalímpicos.

O que podemos observar, de antemão, é que o Comitê Paralímpico Brasileiro investiu muito para a realização do evento, mas, como o retorno não foi o desejável, o CPB teve que investir em campanhas de divulgação dos jogos paralímpicos, visando recuperar o grande investimento feito. Desse modo, a divulgação da venda de ingressos em "promoção", ocorreu no *Instagram* da revista *Vogue*, razão pela qual passaremos a analisar a constituição desta revista.

1.2 Revista Vogue: a indústria de divulgação do "sonho americano"

A revista *Vogue* foi criada nos Estados Unidos, em 1892, por Arthur Baldwin Turnure e Harry McVickar, com o objetivo de constituir-se como uma revista voltada para a elite social, assim, seu foco principal não era a moda.

No ano de 1909, a revista foi vendida para Condé Montrose Nast, logo o objetivo da revista passou a ser o de retratar os vestidos usados por mulheres influentes dos Estados Unidos, fazendo com que a moda começasse a significar o objeto de desejo e de consumo da mulher americana.

A expansão mundial da revista se deu no ano de 1910, tornando-se um ícone da indústria da moda e da beleza no mundo, transformando-se, desse modo, em um meio importante para dizer do estilo, da elegância e das tendências da moda. Assim, a revista *Vogue* passou/passa a determinar e a influenciar um estilo de vida considerado ideal, traduzindo a beleza, a juventude e o sucesso do "sonho americano". Em outras palavras, a

revista, na atualidade, dita e é o selo de um padrão de beleza, bom gosto e luxo do que deve ser copiado por todo o mundo.

No Brasil, a revista *Vogue* teve sua primeira publicação em maio de 1975, com o objetivo de conquistar o mercado. Essa primeira edição apresentava um grande número de publicidades e trazia assuntos relacionados à moda, à beleza, à cultura, além da descrição de profissionais de sucesso, tanto no Brasil quanto no exterior. De modo geral, o destaque das edições da revista *Vogue* é dado para as fotografias de pessoas de sucesso, belas e ligadas às modernidades, como socialites, modelos e atrizes de cinema.

Conforme Pina (2016) o público da revista *Vogue* é jovem, abrange pessoas de 18 a 45 anos, de classes A e B, cultas, atualizadas e viajadas, são pessoas consideradas formadoras de opinião. A autora afirma ainda que 70 % do público são mulheres que desejam saber como usar os objetos de desejo, assim, apresenta profissionais da moda, modelos, fotógrafos, estilistas, produtores e jornalistas. Desse modo, a *Vogue* na atualidade é um suporte de informação, tendências, serviço, cultura, ou seja, ampliou seu conteúdo tratando de diversos temas.

Em 2010, a *Vogue* passou a ser controlada pela editora Edições Globo Condé Nast, quando passou a expandir as tiragens e a se inserir no mundo digital. Pina (2016, p.94), afirma que "[...] a *Vogue* Brasil tem sua imagem consolidada como uma revista de vanguarda, sempre ousada, com as novidades mais atuais da moda, dentro dos parâmetros da *Vogue* Americana".

No site de busca *Google*, em um dos anúncios²¹, a revista se apresenta como "Revista *Vogue* / Antecipando Tendências" e no resumo lemos "Assine a revista com o mais completo conteúdo de modas e ganhe um cinto exclusivo".

Em outra entrada lemos "Vogue / Moda, Beleza, Desfile, Lifestyle e Celebridades" e no resumo "Últimas notícias do mundo da moda, desfiles, dicas de moda, beleza, lifestyle, red carpet, tendências, estilo das celebridades, noivas e vídeos".

Há ainda uma entrada para a *Vogue* americana, onde se lê "*Vogue* is the fashion authority. Get American *Vogue* for \$70/year".

Nas três entradas, a revista *Vogue* é referida como a autoridade em termos de moda, não uma moda qualquer, mas a moda que associa beleza às celebridades que têm estilo, uma moda que antecipa tendências. Assim, a revista, até para brindar o comprador, o premia com

-

²¹ Há várias outras entradas para a revista *Vogue*, contudo optamos em trazer as três primeiras entradas, pois são as que mais são acessadas pelos usuários.

²² Em tradução livre: "Vogue é a autoridade da moda. Tenha a Vogue Americana por 70 dólares por ano".

um cinto cujo adjetivo não se marca pela palavra comumente associada ao brinde – grátis –, pois o que adjetiva o cinto dado pela *Vogue* é a palavra *exclusivo*, ou seja, não é um brinde para aqueles que têm dificuldade para comprá-lo, mas um brinde único, exclusivo, que presenteia um público que entende de moda, que tem bom gosto.

É interessante observar que em uma das entradas para a versão brasileira da revista há palavras escritas em língua inglesa como *Lifestyle* e *Red Carpet* (estilo de vida e tapete vermelho, respectivamente), o que não é trivial, pois a opção em usar as palavras em inglês faz remontar uma memória que não se liga à história de constituição do povo brasileiro, mas do povo americano, que prima por uma vida cheia de estilo, o desejado "sonho americano", e que se espelham naqueles que anualmente cruzam o tapete vermelho.

O emprego de palavras em inglês, pela versão brasileira da revista, funciona, para além de manter a revista afinada com a sua língua de origem, de modo a aproximar uma parcela brasileira de leitores da revista da glamourização, do status do povo americano bem sucedido. Do mesmo modo, estrangeirizar termos para se referir à revista faz funcionar para ela e para quem a lê um lugar diferenciado de conhecimento da língua universal, da língua da ciência, conectando o leitor brasileiro da revista ao estilo de vida das celebridades americanas, pois o *tapete vermelho* constitui-se como uma "passarela" por onde passam homens e mulheres usando as melhores grifes do mundo, tanto nas roupas quanto nos acessórios (joias, sapatos, bolsas), fazendo do tapete vermelho, do *Red carpet*, a representação do sucesso, uma vez que por ele passam as celebridades da festa do Oscar, a festa de premiação dos melhores do cinema (roteiristas, fotógrafos, diretores, atores etc.).

A partir dessas condições de produção da revista *Vogue* Brasil, nós a tomamos enquanto uma mídia digital que se institui e que se autoriza pelo "poder" de dizer sobre determinado assunto, pois, conforme Ferreira (2014, p. 61), "[...] a mídia atua no social a partir de uma formação ideológica e histórica determinada que delineia a (re)produção de sentidos mobilizada em suas práticas".

A revista *Vogue*, como vimos mostrando, responsável por propagar discursos sobre moda, beleza, sucesso e perfeição tanto dos corpos quanto de um dado estilo de vida que remonta ao "sonho americano". Em busca dessa perfeição, a revista funciona como um catálogo que dita o que está na moda, o que as celebridades vestem, as maneiras que utilizam para manter o corpo em forma, os regimes funcionam, o corpo saudável (corpo da moda). Compreendemos, então, que este funcionamento coloca a revista na posição de ditar o que pode e o que não pode ser adotado para o seu público leitor que sonha em estar na moda, em ter sucesso, em ter notoriedade.

Dessa maneira, a revista enquanto mídia funciona de modo a ditar um padrão social, que implica em estar na moda, em acompanhar tendências, em ser célebre, em ter controle sobre o próprio corpo, tornando-o ideal. Esses sentidos recuperam uma memória já estabilizada do padrão de realização do estilo de vida americana que se marca pelo sucesso físico (o corpo perfeito, a beleza, o bem estar) e o sucesso financeiro, ou seja, a capacidade de produzir e de consumir os produtos anunciados pela revista.

Esse dado padrão de beleza, de aparência física que conforma o corpo perfeito faz funcionar sentidos instalados pelos eugenistas, tanto os sentidos instalados por Hitler quanto os instalados no Brasil, pelos sanitaristas, cujo propósito, em nome do combate à contaminação, à higienização, ao saneamento dos espaços, era branquear a população, proibindo as misturas raciais.

Essa ditadura da beleza e do sucesso não se impõe, na atualidade, pela força física, pela imposição de um dado poder soberano, autocrático, mas é ditado, de forma sub-reptícia, pelas diferentes mídias, que bombardeiam os consumidores com as propagandas, os cosméticos, as cirurgias plásticas, o mundo fitness das academias etc., prometendo-lhe a beleza e o sucesso.

O corpo ideal, a beleza, a aparência passam, então, a ser o objeto de desejo e de consumo dos que podem e dos que se sacrificam para poder. Nessa direção, a revista *Vogue* se institui como uma mídia desterritorializada que faz da *Vogue* Americana a *Vogue* Brasil e que instala como desejo do seu consumidor o desejo ditado, imposto pelo Grande Outro, que diz qual é o corpo perfeito, o corpo da moda, os modos de obtê-lo e, com ele, a promessa de sucesso.

Souza (2004, p.171) afirma que "[...] a mídia participa ativamente em nossa sociedade na construção do imaginário social, no interior do qual os indivíduos percebem-se em relação a si mesmos e em relação aos outros. Através da imagem do outro, vejo-me". Essa forma de controle impõe uma necessidade de aprovação pelo (O)outro, de aceitação, de pertencimento, de reconhecimento que, nas redes sociais, funcionam pelo número de "curtidas" que o sujeito recebe, movendo o sujeito a viver prisioneiro dos modos contemporâneos de aval do (O)outro.

A revista funciona como ditadora de padrões a serem seguidos, dessa maneira, aqueles que não se encaixam nesses padrões são desconsiderados. Assim, o funcionamento discursivo da revista tem a proposição de convencimento do leitor de que este é o modo "certo" e com isso ela oferece seus produtos, suas marcas etc. A revista significa, na perspectiva do capitalismo, o funcionamento de um mercado que vende promessas do corpo

ideal, da beleza, do sucesso, que são construídos através de cirurgias plásticas, de academias, de suplementos, da moda, dentre outras formas que produzem o corpo perfeito. Assim, a ditadura do corpo é propagada de forma excessiva na revista, exercendo um poder que dita regras para a sociedade, constituindo uma ideologia que exclui e que separa aqueles que fogem às regras estabelecidas. Nessa direção, Souza (2004) afirma que a mídia é a instituição que funciona como modeladora das práticas sociais existentes.

A revista *Vogue* é direcionada a um público de poder aquisitivo maior, ou seja, o público alvo são as "madames", que possuem poder de compra, mas também por aqueles que se sacrificam e que buscam, determinadas pelo Outro, um lugar de pertencimento no mundo dos famosos.

Mas, no caso desta pesquisa, é importante observamos um funcionamento das redes sociais, pois seguindo as influências do mundo digital a revista se inscreve nas redes sociais para colocar seu produto à venda e também para exercer influência sobre o mundo da moda.

As redes sociais, na atualidade, como uma ferramenta comercial, onde as empresas pagam para os famosos da internet façam propagandas de seus produtos e colocam em circulação um novo modelo de mídia. A revista possui em seu nome um *Site*, um perfil no *Instagram* e no *Facebook*.

O *Instagram*, cujas publicações utilizamos para este trabalho juntamente com as reportagens do *site*, é uma comunidade onde as pessoas criam seus perfis e publicam fotos, que podem ser compartilhadas no *Facebook*. Os dois espaços midiáticos (o *Instagram* e o *Facebook*) são redes sociais que Dias e Couto (2011, p.636) definem como "[...] ambientes virtuais nos quais sujeitos se relacionam instituindo uma forma de sociabilidade que está ligada à própria formulação e circulação do conhecimento". Assim a revista se inscreve como produtora de conhecimento sobre o corpo e a beleza e se coloca em circulação como a grande e única verdade sobre o assunto de que trata.

Dentro de ambiente digital, existem símbolos que são utilizados como ferramentas que garantem a circulação de determinado assunto, como a *hashtag* (#)²³, que se trata de

[...] uma palavra-chave antecedida pela cerquilha (#) que as pessoas geralmente utilizam para **identificar o tema do conteúdo que estão compartilhando** nas Redes Sociais. A adesão delas se tornou popular no Twitter e depois se disseminou para as mais populares mídias sociais da atualidade. Cada hashtag criada é transformada em um hiperlink que irá direcionar a pesquisa para todas as pessoas que também marcaram os seus conteúdos com aquela hashtag específica.

_

²³ Disponível em https://marketingdeconteudo.com/o-que-e-hashtag/. Acesso em 03 abr. 2017.

Quando você seleciona uma palavra-chave para um conteúdo, ele é automaticamente adicionado ao grupo de pesquisa daquele tópico.

A campanha #somostodosparalimpícos, divulgada no Instagram, foi lançada pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) e foi protagonizada por dois atores brasileiros, Cleo Pires e Paulinho Vilhena, que se engajaram na campanha como embaixadores do CPB, com o objetivo de atrair público para as competições paralímpicas que iriam acontecer no Rio de Janeiro, no período de 07 a 18 de setembro, e que, diferentemente das olimpíadas, não tinha procura para a compra de ingressos.

A campanha, que foi apoiada e publicada no *Instagram* da revista *Vogue*²⁴, recebeu 15.138 curtidas e 5.610 comentários, até a data de 08 de fevereiro de 2018, atingindo um total de dois milhões de seguidores. A circulação da campanha atingiu, então, a um grande público, ganhando força em *blogs* que a apoiavam ou criticavam, assegurando, dessa maneira, sua maior propagação.

Contudo, questionamos as razões de uma revista – que é voltada para a moda e para o leitor em busca da perfeição e do sucesso – e de atores globais – de corpos perfeitos – em fazer circular imagens do corpo faltoso, do corpo deficiente, fugindo aos propósitos da revista e da realidade dos dois atores. Dito de outro modo, que sentidos se produziram com o apoio da revista e dos autores? Qual a efetividade de apoio de uma revista de moda e de atores de corpos perfeitos para a campanha? Haveria necessidades outras que, marcadas pela ideologia do politicamente correto, colocam a revista como afeita às minorias?

De acordo com Souza (2004, p. 179),

A divulgação de imagens do corpo faz dele objeto de interesse e curiosidade, e as imagens que o perscrutam evoluem em função das inovações tecnológicas. O olhar "público" que explora a anatomia humana realiza uma ampliação e uma fragmentação extremas da imagem do corpo, que faz sobressair seus mínimos detalhes, adquirindo-se assim um conhecimento e um controle nunca antes obtido das constituições físicas e das suas divergências e semelhanças. A partir do momento em que jornais, revistas, televisão e internet passam a divulgar imagens, representações desse corpo, o assunto passa a ser "da ordem do dia", criando uma "urgência" por parte dos sujeitos de identificá-lo num contexto social.

Em outras palavras, a relação da mídia como esse lugar que dita um padrão, para que os sujeitos se signifiquem parece, pelo gesto da revista *Vogue*, revestir-se desse lugar de aceitação, do funcionamento de um politicamente correto que retira desta mídia a pecha do corpo perfeito, do corpo na/da moda, do corpo bem sucedido. Assim, ao trazer o corpo

²⁴ As publicações do *Instagram* da revista serão analisadas posteriormente por nós.

faltoso, a revista produz o efeito de que a falta corpórea também merece lugar em suas páginas. Contudo, a revista não traz qualquer corpo faltoso, pois os atores que ali se colocam possuem corpos completos, perfeitos, bem sucedidos, que não têm a falta como constitutiva. Ou seja, a falta que ali se mostra é uma montagem, um simulacro do membro amputado (perna, braço), em atores que, pela exposição na própria mídia, têm corpos conhecidos por todos, corpos perfeitos, invejados, desejados.

Ao trazer como representação do corpo faltoso corpos que nada faltam, a campanha produz efeitos de engodo, de enganação e, ao mesmo tempo, ao propagar o corpo faltoso, ainda que resulte de efeitos visuais, a revista coloca em discussão uma dada noção de corpo faltoso, fazendo significar, nesta materialidade, o corpo faltoso como o corpo da superação, o corpo do sucesso, o corpo do atleta, que vence os obstáculos e, ainda assim, obtém sucesso, fazendo constituir e circular os mesmos e outros sentidos.

Esses sentidos se instalaram histórico-ideologicamente, a partir dos sentidos que a memória discursiva conformou/conforma sobre o deficiente/a deficiência.

Orlandi (2009, p. 31) afirma a memória discursiva como "[...] o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-contruído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra".

Desse modo, parece-nos necessário tentar compreender como os sentidos de deficiência/deficiente se instituíram fazendo circular efeitos que continuam a se processar na atualidade.

1.3 O processo histórico-ideológico de constituição da deficiência/do deficiente

Historicamente, podemos perceber que a deficiência/o deficiente vem significando de diversas maneiras. Moreira (2008) afirma que para os povos primitivos a eliminação das pessoas com deficiência era justificada por questões supersticiosas e por considerá-las como um "peso", que dificultava a vida nômade e, em consequência, a sobrevivência. Desse modo, o autor afirma que a deficiência foi significada, desde o início da humanidade, pelo viés da eliminação, da destruição e do menosprezo.

Moreira (2008) destaca a Grécia e a Roma antigas como os referenciais históricos da constituição do corpo das pessoas com deficiência, pois na "[...] Grécia antiga, aparecem imagens de corpos fortes para o combate em proteção ao Estado, há uma preocupação com o corpo saudável, forte e perfeito" (op. cit. p. 294). Roma dá continuidade aos pensamentos

gregos, buscando construir uma sociedade modelo para a época, assim, se constitui, neste período, a divisão, a partir de Platão, entre corpo e mente.

O pensamento platônico acabou por contribuir para a exclusão das pessoas com deficiência, visto serem consideradas incapazes, tanto mental quanto corporalmente, assim as pessoas que apresentavam qualquer característica de deficiência eram exterminadas, pois não mereciam viver. O pensamento platônico acabou por contribuir para a exclusão das pessoas com deficiência, visto serem consideradas incapazes, tanto mental quanto corporalmente, assim as pessoas que apresentavam qualquer característica de deficiência eram exterminadas, pois não mereciam viver.

Nesse período, dois encaminhamentos eram dados aos sujeitos identificados como deficientes: a morte ou o abandono.

Com o surgimento do Cristianismo, na Idade Média, a relação corpo e mente dá lugar a outro modo de significação: a relação entre corpo e alma. Assim, por um longo tempo, a Igreja Católica manteve o domínio do conhecimento e do saber sobre todos os sujeitos, inclusive os deficientes, que, com o surgimento do Cristianismo, passaram a ser ressignificados, a partir da nova relação entre o corpo e alma, pois a alma representava o lugar de interseção do sujeito com Deus e o corpo com o demônio. Nessa perspectiva, a deficiência, por ser marcada no corpo, era a própria representação do demônio. Dessa maneira, representava também um castigo, uma expiação de culpa por algum erro dos pais ou familiares que também eram perseguidos pela Igreja.

Para pensarmos esse momento histórico, tomamos os três modelos, apresentados por Lanna Júnior (2010), que conceituaram/conceituam o sujeito deficiente: modelo caritativo, modelo médico e modelo social.

Com a instalação do modelo caritativo, que inaugurou e promoveu o fortalecimento do cristianismo ao longo da Idade Média, retirou-se da deficiência a associação imediata com o demônio, restringindo-a aos sentidos de castigo divino. Assim, a deficiência passou a ser considerada como um déficit e as pessoas com deficiência passaram a ser entendidas como dignas de pena, uma vez que eram vítimas da própria incapacidade.

O modelo caritativo, vinculado ao discurso religioso, se sustenta nas máximas bíblicas: "Deus criou o homem a sua imagem e semelhança" e "Sede vós, pois perfeitos, como é perfeito o Vosso Pai que está nos céus" (Mateus, 5:48). Assim, sendo Deus perfeito e o homem feito à sua imagem e semelhança, a perfeição é uma condição constitutiva do ser. Desse modo, os indivíduos imperfeitos passaram a ser considerados como um castigo, como um calvário, uma cruz a ser carregada por pais e familiares e pelo próprio deficiente. A

família do deficiente, ao ser considerada pecadora, sofria, então, o rechaço social, do mesmo modo que o deficiente, portanto a família deveria cuidar do deficiente até a sua morte, enquanto um processo de reparação da sua culpa.

É, pois dessa relação entre a perfeição (Deus) e a imperfeição (o deficiente que carrega a marca do pecado), que os sentidos de deficiência como imperfeição se instala, fazendo circular e significar os termos "inválido", "incapaz", "aleijado" e "defeituoso". Estas expressões, que significaram/significam pejorativamente o deficiente tomaram-no como um fardo social, uma pessoa inútil e sem valor.

Marcadas pelo pecado e pela imperfeição, as pessoas com deficiência eram motivo de vergonha e, portanto, confinadas pela família ou recolhidas às Santas Casas ou às prisões. O modelo assistencialista representou, então, o fim do extermínio da pessoa com deficiência, ao mesmo tempo em que a instalou como necessidade de exclusão absoluta do convívio social, ou seja, a pessoa com deficiência deixou de sofrer uma morte física para sofrer uma morte social.

A morte do deficiente/da deficiência, que no Nazismo se justificava pelos gastos gerados, produz-se agora de um modo igualmente cruel, pois o confinamento, que segregou essa população, continuou gerando custos que passaram a ser de responsabilidade do Estado, como ilustram as campanhas públicas de políticas de assistência que só fizeram exacerbar a exclusão e o apartamento.

A passagem do modelo religioso para o médico se deu com o surgimento do Renascimento, que se marcou, conforme Moreira (2008), como um período de revisão do cenário sócio-político-educacional. Assim, no Renascimento surgiram as primeiras pesquisas sobre o tema deficiência, embora as perseguições e as torturas aos deficientes ainda se mantivessem, agora sob a égide da ciência.

Segundo o autor, o Renascimento, considerado como a transição do feudalismo para o capitalismo, modificou o comportamento das pessoas e os sentidos de deficiência, que deixou de ser significada como pecado para ser explicada por uma disfuncionalidade, pois o corpo, explicado como uma máquina, passa, na deficiência, a se configurar como uma máquina defeituosa, disfuncional.

Moreira (2008) afirma que houve um aumento significativo dos estudos nos séculos XVIII e XIX, atingindo o auge no século XX, que se marca como um período rico na instalação de novos conceitos para os corpos deficientes, através da ciência médica.

Para Lanna Junior, o modelo médico, que surge no final século XIX, representa uma fase de estudos e pesquisas que levam a uma revisão das explicações sobrenaturais acerca da

anormalidade, que, por ser considerada uma questão biológica, passa a ser de responsabilidade do saber médico. A deficiência passa, então, a ser compreendida por problemas orgânicos, que precisavam ser curados, assim, a ciência moderna começou a produzir um corpo de conhecimento sobre a natureza, a sociedade, o desenvolvimento e o comportamento humano, possibilitando a instauração de um processo de ressignificação da relação da sociedade com o anormal.

Para o modelo médico, as pessoas com deficiência eram "pacientes", assim eram tratadas conforme a categoria de deficiência à qual pertenciam, ignorando o papel das estruturas sociais na opressão e exclusão das pessoas com deficiência, bem como desconhecendo as articulações entre deficiência e fatores sociais, políticos e econômicos, embora a deficiência continuasse a significar e ser significada como a causa primordial da desigualdade e das desvantagens vivenciadas pelas pessoas.

Conforme Marquezan (2009, p. 58), a psiquiatria fundamentou-se nos

[...] preceitos religiosos do binômio pecado-culpa, como vetor da sua ação no entendimento da anormalidade, evoluiu na direção de configurá-la como um quadro psicopatológico. [...] a distinção evolutiva entre doença e deficiência, constituindo quadros nosológicos diferenciados, possibilitou a intervenção de profissionais de diferentes áreas da formação em diferentes lugares de atendimento, como hospitais e escolas.

O modelo social, defendido pelo Movimento das Pessoas com Deficiência, destacouse nas últimas décadas pela promoção da interação entre a deficiência e o modo como a sociedade está organizada, o que marca a funcionalidade, as dificuldades, as limitações e a exclusão das pessoas.

Segundo Lanna Junior (2010), a sociedade cria barreiras com relação aos deficientes e apresentam atitudes de rechaço por medo, desconhecimento, falta de expectativas, estigma, preconceito. Do mesmo modo, o ambiente físico das cidades funciona de modo a produzir uma abrangente inacessibilidade, enquanto as instituições funcionam de modo a marcar as discriminações pelo caráter legal, que impede a plena participação das pessoas.

O modelo social vigora, na atualidade capitalista, ou seja, há um assistencialismo para que as pessoas possam integrar a sociedade e ter acesso aos meios sociais, enquanto os sentidos de corpo deficiente continuam a serem significados como uma máquina que possui uma disfunção, mas que pode realizar algumas atividades, desde que esteja bem adaptada.

Dessa maneira, o capitalismo insere a pessoa com deficiência no social, trazendo-a para o mercado de trabalho e também criando instrumentos para adaptar seus corpos²⁵. Assim, as indústrias ganham um novo público que, inserido no mercado de trabalho através das políticas públicas, possui uma renda e tornam-se sujeitos de produção e de consumo, podendo adquirir objetos de desejo.

O retorno que o governo dá para as indústrias se faz através de uma obrigação legal, pois as empresas que empregam deficientes ganham descontos nas cargas de impostos a serem pagas. Assim, os discursos sobre deficiência, na era capitalista, parecem fazer funcionar uma dada inclusão que funciona como um simulacro dos discursos que o governo faz circular, pois agora as pessoas com deficiência "possuem acesso, têm autonomia e podem se locomover livremente".

Com todas essas facilitações, o governo faz funcionar, sobre o discurso da deficiência, a eficiência, pois as condições estão dadas e como todos são capazes e têm oportunidades iguais, aqueles que fracassam ou que não conseguem são marcados por uma limitação que se coloca mais como uma oposição, que geralmente é atribuída ao sujeito, relacionada muito mais à falta de vontade própria do que às limitações e dificuldades impostas pela deficiência.

Compreendemos com Orlandi (2015, p. 190) que esta atribuição de "culpa" ao sujeito deficiente se dá pela forma sujeito capitalista, pois "[...] os diferentes modos de individuação do sujeito pelo Estado, através das instituições e discursos, resultam [...] em um indivíduo ao mesmo tempo responsável e dono da sua vontade, como direitos e deveres, e livre circulação social".

Colocar a pessoas com deficiência no mercado de trabalho, na escola, e com acessibilidade faz funcionar o discurso da inclusão, apagando a exclusão. Mas, conforme afirma Silva (2015), o discurso exacerbado da inclusão coloca em circulação o discurso da exclusão, pois, para incluir é necessário que tenha havido ou que continue havendo a exclusão, nessa direção, a exclusão funciona pelos discursos reiterados de inclusão.

Esses modos de dizer o deficiente/a deficiência instituem sentidos que instalam no corpo as diferenças entre o sujeito deficiente e o "normal". São esses sentidos que permitem a aproximação/o distanciamento entre o atleta olímpico e o paraolímpico, desse modo, parece-

-

²⁵ Referimo-nos às próteses, às cadeiras de roda, aos aparelhos auditivos etc. que dão ao sujeito a autonomia necessária para se inserirem no mundo do trabalho.

²⁶ Trazemos a formulação entre aspas, pois o acesso, a autonomia e a liberdade de locomoção se realizam muito mais nas leis de acessibilidade do que na vida prática dos deficientes, conforme Silva (2015).

nos necessário questionar como se institui o sujeito ideal e o deficiente, de modo a tentar compreender as diferenças que se marcam no corpo normal e no corpo faltoso.

CAPÍTULO II

JOGOS PARALÍMPICOS: A IMPOSIÇÃO DO CORPO CONSTITUÍDO PELA FALTA

2.1 A constituição do corpo na perspectiva psicanalítica

A Análise de Discurso, conforme defendem Pêcheux (1988) e Orlandi (2009), é uma teoria que se faz no entremeio de três importantes áreas do conhecimento: a Linguística, a Psicanálise e o Materialismo Histórico, advertindo, contudo, o modo como cada área compõe seu quadro teórico:

Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise, pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvido por ele (ORLANDI, 2009, p. 20).

A autora reconhece que a atualidade do sujeito é dada pela Psicanálise, assim, buscamos, neste tópico, compreender o corpo a partir da concepção lacaniana, tal como ele nos é revelado na experiência psicanalítica, que diz do sujeito do inconsciente.

Para Lacan (1998), o processo de constituição do corpo dá-se através de um processo de identificação, que se produz através de transformações que se processam no sujeito, quando ele assume a imagem que faz de si como resultado de uma projeção especular imaginária, "[...] cuja predestinação para esse efeito [...] é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo imago²⁷" (op. cit. p.97).

Desse modo, o autor apresenta um novo conceito para o eu, que se opõe às concepções filosóficas que se pautavam no *Cogito* (Penso, Logo Sou), visto que apresenta uma noção de sujeito descentrado, que se constitui na relação com o outro, através da linguagem, propondo, dessa maneira, uma distinção entre o eu e o outro, pelo que convencionou chamar de o *estádio do espelho*.

-

²⁷ A *imago*, em Freud, refere-se à fixação erótica relacionada com traços reais dos objetos primários, ou seja, é a forma como a criança percebe subjetivamente seus pais. Assim, o autor afirma que é por trás do poder exercido pelos primeiros objetos dos instintos libidinosos (os pais), que a criança forma um imaginário de si, ligado às imagens parentais. Lacan afirma a imago como elemento constitutivo do complexo, que "[...] torna possível compreender a estrutura de uma instituição familiar, preso entre a dimensão cultural que o determina e as ligações imaginárias que o organizam". Disponível em https://psicoativo.com/2017/05/imago-psicologia-freud-jung-lacan-e-melanie-klein.html. Acesso em 03 abr. 2017.

Conforme Lacan (1998), o "Eu" não é um ponto de partida, mas é constituído, não a partir de um amadurecimento biológico, mas como um resultado de relação. O estádio do espelho se configura, então, pela experiência primal da criança com um espelho. Assim, em um primeiro momento, o espelho não é um objeto diferenciado do *infans* e nem dos outros objetos:

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans* parecer-nos-á, pois, manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função sujeito (LACAN, 1998, p. 97).

Em outras palavras, o *infans* não se diferencia da mãe e nem do seio que o amamenta, pois, essa diferenciação só vai acontecer em um segundo momento, quando percebe o semelhante (a mãe como relação especular) e passa a se constituir a partir da mãe, enquanto esse Outro concreto.

[...] na criança, uma série de gestos em que ela experimenta ludicamente a relação dos movimentos assumidos pela imagem com seu meio refletido, e desse complexo virtual com a realidade que se reduplica, isto é como o seu próprio corpo e com as pessoas, ou seja, os objetos que estejam em suas imediações. [...] (op. cit, p. 97).

Em um próximo momento, o sujeito constituído passa a estabelecer com esse Outro uma relação que perde em concretude e ganha em simbologia, assim, ali onde havia o (O)outro há agora a relação especular que determina e que constitui a criança, que se deixa conformar pelo espelho que a constitui, sorrindo e retirando do espelho seus modos de conceber a si mesma no Outro, de modo a que, quando adulta, sua imagem corpórea esteja totalmente constituída para fora do espelho (adulto), buscando no olhar do Outro o reconhecimento.

Na relação especular se estabelece, então, a relação e a diferenciação entre o eu e o outro, marcada pelo grande Outro, que garante um para fora do espelho, necessário para o próprio aval do sujeito na busca de aprovação. Deste modo, a sustentação da imagem vem da relação espectral do *infans* com a mãe, que o constitui para fora do espelho, no Outro.

Nessa relação, o corpo é simbólico e se representa pela/na linguagem, pois é a constituição da imagem corporal que, conforme Lacan (1996), dá ao sujeito a primeira forma

que lhe permite situar o que é e o que não é seu, assim, é na relação com o (O)outro que a imagem corporal forma o (O)outro:

Não há forma que não tenha superfície, uma forma é definida pela superfície – pela diferença no idêntico, quer dizer, na superfície. A imagem da forma do outro é assumida pelo sujeito. Está situada no seu interior, essa superfície graças à qual se introduz na Psicologia humana a relação com o fora do dentro através de que o sujeito se sabe, se conhece como corpo. [...] O homem se sabe como corpo, quando não há afinal de contas nenhuma razão para que se saiba, porque ele está dentro. [...]. É num movimento de báscula, de troca com o outro que o homem se apreende como corpo, forma vazia do corpo (LACAN, 1996, p. 197).

Podemos compreender que, para o autor, o corpo significa quando o sujeito se relaciona com o fora, com o Outro, através da linguagem, assim, o processo de maturação fisiológica faz com que o sujeito tenha o domínio do seu corpo, mas é antes desse momento que o sujeito toma consciência do seu corpo como totalidade:

[...] o processo da sua maturação fisiológica permite ao sujeito, num dado momento ela sua história, integrar efetivamente suas funções motoras, e aceder a um domínio real do seu corpo. Só que, é antes desse momento, embora de maneira correlativa, que o sujeito toma consciência do seu corpo como totalidade. [...] na minha teoria do estádio do espelho – a só vista da forma total do corpo humano dá ao sujeito um domínio imaginário do seu corpo, prematuro em relação ao domínio real. Essa formação é destacada do processo mesmo da maturação e não se confunde com ele. O sujeito antecipa-se ao acabamento do domínio psicológico, e essa antecipação dará seu estilo a todo exercício posterior do domínio motor efetivo. É a aventura original através da qual, pela primeira vez, o homem passa pela experiência de que se vê, se reflete e se concebe como outro que não ele mesmo – dimensão essencial do humano, que estrutura toda a sua vida de fantasia (LACAN, 1986, p. 96).

Para o autor, o sujeito se realiza no Outro, pelo efeito da fala, que se constitui no inconsciente, ou seja, o discurso do Outro é o inconsciente, pois o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Deste modo, o sujeito, determinado pela linguagem, se constitui pela fala, que situa suas cadeias significantes no Outro, assim, o Outro é o lugar que comanda tudo o que pode se presentificar como sujeito, dito de outro modo, o significante, produzindo-se no campo do Outro, faz surgir o sujeito de sua significação.

Segundo Orlandi (2012), na psicanálise a linguagem produz o sujeito enquanto efeito da relação entre significantes, sendo assim, o sujeito que interessa para Lacan é aquele que é constituído pelo discurso, não aquele que faz o discurso. A autora, baseada em Lacan, afirma, então, que é "a supremacia do significante" que predetermina o sujeito, que, pelo processo

metafórico, possibilita que o sentido torne-se outro, pois "[...] a metáfora se localiza no ponto preciso em que o sentido se produz no non-sens" (PÊCHEUX, 1988, p. 262). Em outras palavras, o sentido se produz na relação de uma palavra por outra, a relação de metáfora.

Nos estudos discursivos, a psicanálise contribui para o deslocamento da noção de outro para a de sujeito, pois, para Orlandi (2016, p. 25), no campo da linguagem "[...] a reflexão sobre o *outro* [...] desloca-se, a partir do campo da psicanálise (o Outro), para a questão do sujeito. Pensando-se o inconsciente materialmente ligado à ideologia, estende-se esta reflexão para o domínio dos estudos discursivos (o outro e o Outro)".

Segundo Baldini (2012, p. 73), para se pensar a constituição de corpo, no âmbito da psicanálise, é preciso levar em consideração que

[...] o bebê vive seu corpo como fragmentado, diluído na indistinção eu/outro. E este corpo é atravessado pela linguagem, pois estamos desde sempre imersos no mundo do discurso. Há de se tentar sentidos a tais acontecimentos da carne, uma vez que trata de significantes que não significam nada, pois, ao que propomos, se há significado para um significante, este já está no mundo da ideologia, do discurso, [...].

Pela perspectiva discursiva, o outro é o interlocutor e o Outro se constitui como a memória discursiva, marcada pela historicidade.

Conforme Maluf-Souza (2011, p. 253), o sujeito, tanto "[...] em psicanálise quanto na Análise de Discurso, não é causa, mas é causado, visto que ele é uma função e não uma instância psíquica e, assim, enquanto função do Outro, carece de conteúdo próprio". A autora (idem) coloca que para a AD o inconsciente é a via de acesso ao material que interpela, pela história e pela ideologia, o indivíduo em sujeito. Já para a psicanálise, o inconsciente é o espaço depositário das experiências recalcadas do sujeito, dentro de uma dada temporalidade.

Parece-nos, então, necessário marcar as aproximações/distanciamentos entre a concepção de corpo psicanalítico e discursivo.

2.2 A constituição discursiva do corpo

Ao trazermos a discussão para o campo discursivo, iniciamos pela afirmação de Orlandi (2012, p.29) de que "[...] O corpo não fala ele significa", pois, pelo dizer da autora, para compreendermos os sentidos de deficiência, precisamos compreender que o corpo deficiente constitui-se por um sentido já dado, que faz com que o indivíduo ao se constituir como sujeito seja marcado por sentidos já-la, que o marca como pessoa com deficiência,

assim, o seu corpo, que se instala como faltoso, significa e é constituído juntamente com os sentidos de sujeito deficiente.

Em Análise de Discurso, sujeitos e sentidos se constituem ao mesmo tempo, então, para Orlandi (2012), o corpo significa na materialidade do sujeito, isto é, a significação do corpo não pode ser pensada como apartada da materialidade do sujeito, do mesmo modo que não se pode pensar a materialidade do sujeito sem pensar sua relação com o corpo.

Deste modo, a autora toma o corpo como sendo o lugar material em que se dá a significação, assim, os corpos com suas materialidades significam, não enquanto o corpo empírico, mas enquanto corpo simbólico de um dado sujeito.

Se o corpo significa através do sujeito, precisamos compreender que o sujeito na em Análise de Discurso é constituído pela ideologia, ou seja, a ideologia interpela o indivíduo em sujeito. Conforme Orlandi (1999), sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo na articulação entre a língua e a história, em que o imaginário e ideologia entram em jogo. Ainda, para Orlandi (2009), "[...] a ideologia é condição para a constituição do sujeito e dos sentidos." Sendo assim, o sujeito se constrói pelo processo de interpelação do indivíduo pela ideologia, ou seja, em que a ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este se submete à língua, significando e significando-se pelo simbólico na história.

Essa subjetividade, conforme a autora, é que permite compreender como a língua acontece no homem. Sendo assim, o sujeito que produz linguagem está sendo estruturado na linguagem que produz, ou seja, o indivíduo-pessoa com deficiência- se constitui em sujeito deficiente na linguagem que produz, pois a linguagem constitui o sujeito. É necessário ressaltar que para a língua significar é necessária a história; sendo assim, o sentido é pensado como uma relação determinada do sujeito com a história.

Orlandi (1999) afirma que o discurso materializa a ideologia, constituindo-se um lugar teórico em que se pode observar sua relação com a/na língua. Nessa perspectiva, devemos ressaltar que a língua não funciona fechada sobre si mesma, mas abre-se para o equívoco. A ideologia funciona pelo equívoco, estruturando-se sob o modo da contradição.

Assim, devemos compreender a ideologia como uma prática que envolve, que afeta e que faz parte do processo de significação do corpo do sujeito, pois, conforme a autora,

[...] a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia produz uma forma sujeito histórica com seu corpo. [...] a forma sujeito histórica tem sua materialidade e que o indivíduo, interpelado em sujeito pela ideologia, traz seu corpo por ela também interpelado [...]. [...] o corpo empírico, ele é apenas carne. Só é corpo discurso quando interpelado (ORLANDI, 1999, p. 17).

Dito de outro modo, o corpo e os sujeitos são interpelados pela ideologia para significar. Desse modo, Orlandi (2008, p. 9), pensando na relação do corpo com o sentido, afirma que [...] corpo e sentido se atravessam [e] são atravessados de discursividades, isto é, efeitos desse confronto, em processos da memória que têm a sua forma e [que] funciona ideologicamente [...]. [...] o corpo do sujeito e o corpo da linguagem não são transparentes.

O modo como o sujeito concebe seu corpo é atravessado ideologicamente, assim o corpo é, para além dos aspectos biopsicológicos, atravessado de linguagem, pois se constitui simbolicamente:

Não há corpo que não esteja investido de sentido e que não seja corpo de um sujeito que se constitui por processos de subjetivação nos quais as instituições e suas práticas são fundamentais, assim como o modo pelo qual, ideologicamente, somos interpelados em sujeito. Dessa forma é que pensamos que o corpo do sujeito é um corpo ligado ao corpo social e isto não lhe é transparente (ORLANDI, 2008, p. 10).

Deste modo, "[...] enquanto corpo simbólico, corpo de um sujeito, ele é produzido em um processo de significação onde trabalha a ideologia, cuja materialidade específica é o discurso". Em outras palavras os "[...] corpos, são formulações dos sujeitos, em diferentes discursos", pois, conforme Orlandi (*idem*, p. 9) "[...] formular é dar corpo aos sentidos. E, por ser um ser simbólico, o homem constituindo-se em sujeito pela e na linguagem, que se inscreve na história para significar, tem seu corpo atado ao corpo dos sentidos".

A questão da formulação, da corporalidade da linguagem inclui o que definimos como gesto de interpretação: o gesto é a prática significante trazendo para si tanto a corporalidade dos sentidos quanto a dos sujeitos enquanto posições simbólicas historicamente constituídas: posições discursivas (linguístico-históricas, materiais). Nós nos significamos no que dizemos. O dizer deixa os vestígios do vivido, do experimentado e o gesto de interpretação mostra os modos pelos quais o sujeito (se) significa. [...] Os gestos de interpretação-que são atos ao nível do simbólico- têm uma materialidade significativa, têm um corpo, que intervém no real do sentido: eles são o recorte que produz sua textualização, formulação. (ORLANDI, 2008, p. 193).

O corpo é afetado ideologicamente e assim funciona pelos modos de produção da vida material que condicionam o conjunto dos processos da vida social e política. Orlandi (2008) afirma que o corpo já vem significado, ideologicamente, pela imagem que se faz de um corpo, sentidos já dados, estabilizados, no caso, o corpo "deficiente".

Em nosso material de análise observamos a ideologia funcionando na constituição do corpo deficiente, pois a utilização de atores sem deficiência para significar a deficiência é uma

contradição, um equívoco, visto que os corpos dos atores significam em uma dada posição da não deficiência, então, mesmo valendo-se de recursos tecnológicos para a "construção da deficiência" nos corpos perfeitos dos atores, ideologicamente esses corpos não significam nesta posição, pois há uma memória de perfeição e de beleza, que dá completude aos corpos dos atores, construídos como faltosos.

Orlandi (2015, p. 190) distingue dois momentos do processo de constituição dos sujeitos: "[...] o da interpelação do indivíduo pela ideologia e o da individuação da forma sujeito pelo Estado". Segundo a autora, a identidade resulta de processos de identificação, ou seja, o sujeito individuado inscreve-se em uma ou outra formação discursiva, identificando-se com este ou aquele sentido, constituindo-se em uma ou outra posição sujeito na formação social, neste caso na posição pessoa com deficiência.

Segundo Pêcheux (1988, p. 160-161), a formação discursiva é "[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, determina [...] *o que pode e deve ser dito* [...]. Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas".

Para Orlandi (2015, p. 191), a pessoa não nasce deficiente, mas se torna, pelo processo que decorre das formações discursivas que ideologicamente a interpelam. São esses sentidos que envolvem o indivíduo e seu assujeitamento, sua individuação pelo Estado, as imagens que o envolvem socialmente, e o modo como ele se identifica e é identificado, significado.

A forma, portanto, como este sujeito é individuado e se identifica ou é identificado como pessoa com deficiência resulta de um longo e complexo processo de significação, de identificação, em que ele é falado, significado, pela ideologia que o interpela e pelas instituições e discursos que o dizem.

A forma como o indivíduo se relaciona com o seu corpo simbólico através da ideologia e dos imaginários que se constituem de deficiência é que se constitui o sujeito deficiente pelo processo de identificação.

Pensando que a identificação social, quando da inter-relação pessoal entre sujeitos, é um processo que se relaciona à condição corpórea, ao fato de que somos sujeitos de-em uma corporalidade e que essa corporalidade pode ser apreendida pelo olhar mesmo antes que se fale, considero que o corpo determina sentidos, funcionando como condição de produção, ao mesmo tempo em que é determinado, ele próprio, pela memória discursiva e por outras condições de produção na realização de seus gestos (HASHIGUTI, 2009, p. 161).

A autora (2009, p. 166) afirma ainda que "[...] se o sujeito é sempre sujeito de corporeidade, seu corpo é também sempre corpo no espaço. O corpo significa ao olhar do outro pela sua materialidade e pela sua localização". Deste modo, o sujeito deficiente se constitui através de uma dada formação imaginária que conforma quem são os sujeitos deficientes.

Compreendemos, então, que os atores são significados e se significam a partir de uma dada formação imaginária de pessoas sem deficiência, com corpos perfeitos, assim, a revista ao colocá-los com características físicas de pessoa com deficiência não consegue inscrever esses corpos na formação discursiva das pessoas com deficiência, pois não é a revista que tem o "poder" de dizer quem são os deficientes, visto que está inscrita em uma dada posição ideológica de dizer sobre os corpos perfeitos e cabe ao saber médico dizer dos que fogem a essa perfeição.

De acordo com Petri (2009, p. 37), os *discursos sobre* os sujeitos deficientes "[...] organizam e reorganizam *discursos de*, se efetivam e funcionam na forma do discurso em pleno funcionamento, o que já representa um gesto de interpretação do 'outro' sobre o sujeito 'diferente'".

Dessa maneira, a autora afirma que o dizer sobre o diferente é definido como o discurso sobre, um dizer que produz efeitos de sentidos contraditórios, ao fazer funcionar uma memória que diz do deficiente/da deficiência:

O *discurso sobre* tem ainda características próprias de um discurso que produz efeitos de sentidos contraditórios, pois, ao mesmo tempo em que ele funciona na recuperação de uma memória (organizando elementos próprios do discurso de), ele corre o risco de reduzir essa memória a um acúmulo de informações sobre o passado. O discurso sobre, nesse caso, revela o discurso mitológico, o da Igreja, o do Estado, o da escola, o da escola especial, o da ciência, o da medicina, etc. e tal, constituindo estruturas que se reproduzem indefinidamente, criando estereótipos, preconceitos, rejeições (PETRI, 2009, p. 37).

Sendo assim, o que compreendemos é que há uma memória discursiva que diz sobre a deficiência e constitui os sentidos de corpo deficiente. O corpo deficiente é constituído ideologicamente pelos sentidos da falta, ou seja, alguém (igreja, médico, legislação) que diz, a partir de uma formação discursiva, o que é o corpo deficiente.

2.3 O imaginário de corpo deficiente

Como discutimos anteriormente, a história e a ideologia são fundamentais para se pensar o corpo, pois é só pela ideologia e pela história que o sujeito institui para si um determinado imaginário de corpo. Sendo assim, buscamos compreender o corpo em diferentes momentos da história. Contudo, iniciamos este tópico nos questionando: O que é o corpo faltoso?

Pela perspectiva discursiva, como vimos mostrando, o corpo é sentido, sendo assim, compreendemos o corpo faltoso como aquele em que não lhe é atribuído sentidos de completude. Ideologicamente a deficiência carrega o sentido de falta, assim, os sentidos de corpo completo e corpo incompleto se constituem através da história, na relação da materialidade do sujeito com seu corpo, constituindo-o como sentido(s), então, é nessa relação que a diferença se constitui e se caracteriza como falta.

A falta, que constitui os sentidos de sujeito deficiente e, consequentemente, os de corpo deficiente, instala-se por já-ditos que ideologicamente vão determinar o corpo como falta, como falha, como insuficiente.

Conforme Martins e Silva (2006, p. 2) "[...] a falta é significada a partir do gesto de interpretação que essa sociedade faz do lugar que lhe é confortável, ou seja, através dos discursos da moral e da ciência, a partir dos saberes especializados que são os lugares possíveis no não-sentido não ferir a sociedade". A falta significa, então, por uma memória discursiva (o Outro), pois se trata do "[...] fato de que "algo fala" (*ça parle*) sempre "antes, em outro lugar e independentemente", isto é, sob o domínio do complexo das formações ideológicas" (PÊCHEUX, 1988, p.162).

Os discursos da moral e da ciência sobre a deficiência constituem-se por formações imaginárias sobre os processos de constituição da identidade do sujeito deficiente que, na relação entre o sujeito e a sociedade, faz funcionar e significar os sentidos sobre a diferença.

A identidade decorre da relação especular do sujeito que acaba constituindo uma imagem física imaginária de si, constituída pelo grande Outro, sendo assim, a imagem corpórea já é desde sempre faltosa, uma vez que está determinada pelo desejo do Outro. Deste modo, o corpo simbólico (discurso) carrega uma ordem de real, de impossível, que já constitui a imagem corporal como para sempre faltosa.

Por outro lado, para Orlandi (2016, p. 26) a "[...] diferença se define no processo de constituição de cada sujeito pela ideologia e no modo como é individua(liza)do pelo Estado

(através das instituições e discursos), na sociedade capitalista, dividida e hierarquizada pela simbolização das relações de poder". Para a autora (idem), "[...] antes mesmo de nos significarmos, somos significados em nossas semelhanças e diferenças, ou somos produzidos em nossas diferenças e seus sentidos". Contudo, para a Análise de Discurso, é pelo funcionamento ideológico que uma data constituição de corpo se instala, assim, o processo se institui pela "[...] historicidade, interdiscurso, memória discursiva (o Outro)". Desse modo, a falta materializa-se na língua e não necessariamente no corpo da realidade, pois o imaginário de corpo é constituído pela língua.

Ernst-Pereira (2009) define a falta na língua como uma estratégia discursiva que consiste na omissão de palavras, expressões e/ou orações e na omissão de elementos interdiscursivos que são esperados, mas não ocorrem e podem (ou não) ser percebidos pelo sujeito-interlocutor. Ela explica que no primeiro caso, a falta se constitui num lugar em que são criadas zonas de obscuridade e incompletude na cadeia significante com fins ideológicos determinados e no segundo, cria-se um vazio que visa, na maioria das vezes, encobrir pressupostos ideológicos ameaçadores. Conforme a autora, a falta se constitui pela incompletude do dizer, marcada no interdiscurso por uma dada formação discursiva, ou seja, se estabelece em função de determinadas condições de produção históricas e/ou enunciativas, referentes à relação do sujeito com o objeto de que fala, com a língua que fala e com o interlocutor com quem fala.

Ao pensarmos essa relação com a história, o sujeito deficiente significa desde os primórdios da humanidade como aquele que falta. A falta está associada à incompletude, ou seja, como há em funcionamento na língua uma memória do corpo "perfeito", completo, há também, em oposição, aquele que foge ao padrão instituído, instalando-se como o "imperfeito", o corpo faltoso. Esse funcionamento, contudo, tem muito mais a ver com a constituição imaginária do sujeito do que propriamente com o seu corpo.

Os sentidos de deficiência se entrelaçam com os sentidos de corpo, pois a deficiência significa e é significada no corpo enquanto materialidade do sujeito. Podemos observar nos dicionários que a própria designação para a deficiência já produz e marca a estabilização dos sentidos de falta.

Devemos considerar que os dicionários funcionam como ferramentas importantes para a estabilização dos sentidos, pois, para uma norma de língua é ele quem define um sentido para cada palavra. Assim, o dicionário é uma ferramenta investida de um poder dizer e as acepções dos verbetes que nele circulam são aceitos e considerados como "certo", constituindo, ideologicamente, um efeito de "verdade absoluta" e inconteste. Por essa razão, a

AD concebe o dicionário como um lugar de estabilização dos sentidos, fazendo funcionar um imaginário de unidade da língua que abrange todas as palavras.

Para Orlandi (2000), o dicionário é, portanto, uma tecnologia própria à configuração de relações sociais específicas e entre seus sujeitos, na história, sendo assim, constitutivo na formação social. Pelo processo de estabilização, os dicionários fazem funcionar os processos parafrásticos, no qual em todo dizer há algo que se mantém, há uma memória cristalizada, ou seja, há um retorno aos mesmos espaços do dizer sedimentado. A autora compreende a memória discursiva como "[...] o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada palavra" (ORLANDI, 2009, p. 31).

O dicionário eletrônico Houaiss²⁸ traz como acepções para o verbete deficiência:

Deficiência

1 MED insuficiência no desenvolvimento ou no funcionamento de um órgão, sistema ou organismo

2 PSIQ insuficiência de uma função psíquica ou intelectual

3 p.ext. perda de quantidade ou qualidade; falta, carência

4 p. ext. perda de valor; falha, fraqueza

Em uma breve análise, podemos observar que o referido dicionário, considerado moderno, significa a palavra em questão pela falta, por uma diferença que já coloca o sujeito constituído por essa condição. Assim, pelo discurso científico, as definições, sustentadas pelo saber médico, colocam a deficiência como constituída como uma falta que está dada nos modos de constituição dos sujeitos deficientes. Assim, é pelo discurso da ciência, autorizado e com poder de afirmar, que a deficiência se instala como constituída por uma *falta* que se desliza, como paráfrase, para *insuficiência*.

Outro aspecto interessante é dado pela etimologia do verbete, pois, desde a origem da palavra, por mais que a ciência evolua e instale novos dizeres, a deficiência ainda remete a uma memória de falta, que diz de uma incompletude. Desse modo, o corpo da pessoa com deficiência constitui sentidos, pelo funcionamento histórico-ideológico, atrelando seu significando a algo que se constitui como falta, uma falta que se significa pelo interdiscurso e que se instaura a cada nova formulação, pelo sujeito que constitui imaginariamente a si e ao seu corpo, ao dizer.

Omitimos os exemplos para cada uma das acepções, trazidos pelo dicionário. Disponível em https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#2. Acesso em 29 mai. 2017.

CAPÍTULO III

A MÍDIA A SERVIÇO DOS JOGOS PARALÍMPICOS: UM LUGAR DE (NÃO)PERTENCIMENTO

Nosso objetivo, como vimos anunciando, é o de compreender como os discursos sobre as Paralimpíadas fazem funcionar sentidos para o sujeito deficiente; ou seja, o que se formula, por dizeres e por imagens, sobre o sujeito deficiente, a partir do gesto de instituir-lhe um evento como o das Paralimpíadas.

Esse funcionamento mobiliza o que Orlandi (1990) afirma acerca do *discurso sobre* que é definido por como um lugar importante para organizar as diferentes vozes e também como uma das formas de institucionalização dos sentidos. Assim, ao dizer sobre os jogos para os deficientes, a mídia produz e institucionaliza sentidos que são colocados em circulação. É, pois, por esta perspectiva que tomamos em análise materiais de linguagem veiculados pela mídia, de modo a colocar em visibilidade os sentidos produzidos pelo dizer da mídia acerca da deficiência/do deficiente, nas Paralimpíadas do Rio de Janeiro.

Nosso propósito é o de compreender, então, como o sujeito deficiente é significado pela mídia no evento, pela análise de formulações postas em circulação, especialmente no *Instagram* e no *site* da revista *Vogue*. Ou seja, como os sentidos são conformados pelos discursos que circularam/circulam acerca do atleta paralímpico, conferindo-lhe uma dada identidade.

Inicialmente buscamos compreender os modos de constituição dos Jogos Paralímpicos no pós-guerra, um período marcado por mudanças que se colocaram para todo o mundo, como é o caso dos avanços tecnológicos que trouxeram progresso para a medicina, especialmente a que se dedicou aos soldados lesionados pela guerra, implicando na constituição de um novo modo de olhar e de tratar a deficiência.

Além disso, damos visibilidade ao contexto do pós-guerra como um período voltado para uma determinada forma de inclusão: aquela que deposita no próprio deficiente a capacidade de reabilitação e de adaptação à sociedade. Ou seja, as pessoas com deficiência começaram a ser incluídas, a partir dos hospitais de reabilitação, depositando no processo de reabilitação a medida do sucesso ou fracasso do sujeito deficiente.

Nesse período surgiram os Jogos Paralímpicos e com eles uma série de designações inspiradas nos Jogos Olímpicos e na performance dos melhores atletas. Assim, os Jogos Paralímpicos são constituídos, desde a sua criação, por uma via paralela, que faz funcionar a

diferença, pois os "completos", os "melhores", os "normais" competem nos Jogos Olímpicos, e os deficientes competem em um evento "paralelo". Essa diferença, que não é trivial, produz no atleta paralímpico a ilusão da participação, de pertencimento, de apagamento da deficiência, assim, o que se coloca em funcionamento são as tentativas de incluir o deficiente através dos jogos, buscando a superação do déficit, da própria deficiência, que é apagada em nome das estatísticas, dos recordes, enfim, das performances, que funcionam como formas de apagar a apartação e as diferenças.

Segundo Orlandi (2002a), os sentidos de superação e de sucesso dos atletas paralímpicos funcionam justamente pelo silêncio, pela falta na/da deficiência, ou seja, é necessário tentar apagar os sentidos de deficiência para que outros signifiquem no lugar. Temos, neste funcionamento, o trabalho eficaz da ideologia, que naturaliza o processo de significar a imagem do deficiente pelo sucesso, pela superação, e, dessa forma, pelo apagamento das especificidades de cada atleta.

São, pois, esses sentidos, marcando a diferença pelo discurso da igualdade, que constituem e que instalam as Paralimpíadas. Daí nosso interesse em compreender o funcionamento discursivo das Paralimpíadas, a partir das campanhas postas em circulação pelas mídias nos Jogos Paralímpicos Rio 2016, dando visibilidade aos modos de instalação do sujeito deficiente nestas condições de produção.

O interesse por este estudo, como já dissemos, teve início nos questionamentos que se impuseram a nós sobre a campanha para a venda de ingressos, divulgada pela revista $Vogue^{29}$ no Instagram #SomosTodosParalímpicos.

A justificativa para a realização desta campanha foi tentar dar visibilidade para o evento das Paralimpíadas, que ocorreram na sequência dos Jogos Olímpicos, que tiveram os ingressos esgotados muito tempo antes da realização do evento, enquanto que, na olímpiada dos deficientes, a venda de ingressos não correspondeu à expectativa, visto que os ingressos foram vendidos por valores muito inferiores e nem assim foram esgotados.

Deste modo, nossa análise abarca ainda os comentários postos em circulação nas redes sociais, sobre a campanha da revista *Vogue*, uma mídia voltada para um público seleto, "perfeito", bem sucedido, ligado ao sucesso e à moda. Assim, o *corpus* da pesquisa se constitui de enunciados e imagens que circularam no *Instagram* e no *Site* da revista *Vogue*, no período que antecedeu os Jogos Paralímpico no Rio de Janeiro 2016.

Disponível em http://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2016/08/somos-todos-paralimpicos-campanha-com-cleo-pires-e-paulinho-vilhena.html. Acesso em 27 mar. 2017.

Devemos ressaltar que, devido à dificuldade de encontrar a revista impressa, optamos por trabalhar com a mídia digital por ser acessível a um público maior e também devido à repercussão que a campanha obteve nas mídias sociais (*Site* da *Vogue*, *Facebook*, *Instagram* etc.).

Nossa análise faz-se, de modo mais direto, sobre quatro recortes de materiais que circularam nas mídias: o primeiro busca tornar visíveis os efeitos de sentido produzidos pela mudança na nomeação do evento — *Paraolimpíada* para *Paralimpíadas* —, ou seja, sentidos dados pela nomeação; o segundo busca compreender os efeitos de sentido postos em circulação pela campanha — *#somostodosparaolímpicos* —, ou seja, os sentidos dados pela campanha; o terceiro constitui-se das imagens que constituíram a campanha da revista *Vogue* (imagens de atletas paralímpicos e de atores globais que "reproduziram" suas deficiências), buscando compreender os efeitos de sentido produzidos pelo corpo "perfeito" e o "faltoso"; e finalmente o quarto recorte apresenta os efeitos de sentido produzidos pelos comentários de cinco internautas às imagens postas em circulação pela campanha da revista *Vogue* no *Instagram*.

3.1 Paraolimpíada x paralimpíadas: sentidos dados pela nomeação

A constituição do primeiro recorte instala-se pela necessidade de compreender a substituição da nomeação *Jogos Paraolímpico*s por *Jogos Paralímpico*s, pois à mudança na nomeação produziram-se os questionamentos: o que de fato se altera com a substituição de um nome pelo outro? Quais os efeitos dessa mudança na constituição dos sentidos dos Jogos Paralímpicos? O que essa mudança (a supressão do *o*) produz enquanto efeito de sentido para o deficiente/a deficiência?

Nosso primeiro recorte faz-se sobre a nomeação do evento, que de *Jogos Paraolímpicos*, aceito pelo Brasil até 2011, mudou-se para *Jogos Paralímpicos*, a partir de uma determinação imposta pelo Comitê Paralímpico Internacional (CPI), que, na realização dos Jogos Panamericanos de Guadalajara, no México, determinou que todos os comitês nacionais padronizassem o termo *Paralimpíada*, uma mudança prontamente atendida pelo comitê brasileiro.

Em entrevista para BBC Brasil (2016)³⁰, o Comitê Paralímpico Internacional (CPI) informou que, desde a sua fundação, em 1989, o termo *Paralímpiada* ("Paralympics", do

³⁰ PUFF, Jefferson. "De Paraolimpíada a Paralimpíada: por que a mudança?", 2016. Disponível em http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37303852. Acesso em 27 mar. 2017.

inglês) foi o adotado, nunca se referindo às competições de outra maneira que não fosse a (im)posta pela língua inglesa. Mas alguns países, entre eles o Brasil, optaram, por questões linguísticas, pelo termo *Paraolimpíada*.

Conforme o CPI, "[...] a palavra 'paralímpico' deriva da preposição grega 'para' (ao lado) e da palavra 'olímpico'. Significa que os Jogos Paralímpicos se realizam paralelamente aos Olímpicos e ilustra o modo como os dois eventos existem lado a lado". Com esta justificativa, o comitê internacional adotou o termo "paralímpico" desde sempre.

Do mesmo modo, o comitê português, fundado em setembro de 2008, já nasceu com a grafia internacional, contrariando o parecer encomendado, pelo Instituto do Desporto de Portugal da época, à linguista Margarita Correia que afirmou: "Será mais consentâneo com a estrutura da língua portuguesa [...] que o termo em causa mantenha a vogal inicial 'o' da palavra 'olímpico'". Assim, os jogos dos deficientes deveriam acontecer ao lado dos 'olímpicos', devendo manter a sua grafia na contração com o "para", formando a palavra "parolímpico", pois a contração *paralímpico* soava inadequada ao nosso idioma.

Vemos, então, que o Brasil resistiu enquanto pode a uma grafia afeita à sua língua, mas o imperialismo americano venceu mais uma vez, quando o país, a colônia da colônia, não teve apoio nem de Portugal, que consultou uma linguista e desconsiderou seu conhecimento linguístico para seguir os ditames impostos pela grande nação. O efeito que a mudança de nome produz é, portanto, o da luta entre o saber e o poder, pois, de acordo com Foucault (2010, p. 30), "[...] o poder produz saber [...], não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder".

Por outro lado, a mudança na nomeação coloca em visibilidade a relação do sujeito com a língua, pois desde a criação do Comitê Olímpico Brasileiro, o lugar de dizer pela língua brasileira³¹ foi o de assumir a contração entre o *para* e o *olímpico* como uma junção sem prejuízo de nenhum dos termos.

³¹ Segundo Orlandi (2005, p. 29), "[...] Embora no início do século XIX muito se tenha falado da língua brasileira, como a Constituição não foi votada, mas outorgada por D. Pedro, em 1823, decidiu-se que a língua que falamos é a língua portuguesa. E os efeitos desse jogo político, que nos acompanha desde a aurora do Brasil, nos faz oscilar sempre entre uma língua outorgada, legado de Portugal, intocável, e uma língua nossa, que falamos em nosso dia-a-dia, a língua brasileira. É assim que distingo entre língua fluida (o brasileiro) e a língua imaginária (o português), cuja tensão não para de produzir os seus efeitos". Disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci arttext&pid=S0009-67252005000200016. Acesso em 03 jun.

Em Orlandi (1994, p. 03), lemos "O que eu trabalho, no campo teórico, é que temos diferenças suficientes tanto na materialidade da língua quanto no âmbito discursivo que já nos permitem falar em uma língua brasileira. Nós produzimos discursos diferentes, com sentidos igualmente distintos. Nossos processos de significação também são diferentes. Ou seja, nossa língua está muito distante daquela que era ou ainda é falada em Portugal. [...]".

Entretanto, o Comitê Olímpico Internacional, desde sua constituição, adotou o termo *paralympic* e o impõs à lingua portuguesa como a "forma correta", como o termo naturalmente dado, quando a imposição do nome implica um exercício de a detenção do poder.

Orlandi (2009, p. 53) alerta que "[...] ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiencia".

No processo de nomeação do evento, o Brasil, por seus modos de individuação manteve o nome que lhe pareceu mais adequado, mas em razão da globalização, enquanto forma contemporânea de instituição do capitalismo, o comitê brasileiro sentiu-se obrigado a submeter-se ao Comitê Olímpico Internacional (COI), visto que Portugal já havia adotado o nome imposto pelo COI, mesmo contrariando a linguista que consultaram. Trata-se de relação de forças, uma vez que "[...] o lugar a partir do qual fala o sujeito é constituitivo do que ele diz. [...], [pois a] sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na 'comunicação'". (ORLANDI, 2009, p. 39).

Há, então, uma relação de poder entre os países e as suas línguas — o Brasil se submete a Portugal, e ambos se submetem aos Estados Unidos e aos ditames da língua considerada universal, a língua das ciências. A partir desse funcionamento, podemos dizer que há uma colônia dentro da colônia, pois a submissão se faz entre dominador e dominados, ou seja, é o poderio americano exercendo sua influência e suas formas de (se) significar sobre todos os outros países, através de relações hierarquizadas em que prevalece o poder-saber de uns sobre os outros.

A alteração na nomeação adotada pelo comitê brasileiro não se faz por uma necessidade gramatical de mudança, mas se justifica, por parte de quem detém o poder de impor a mudança; pela imperiosidade de unificar o nome do evento, não por questões relativas à constatação de um erro na composição das duas palavras, mas por força da forma como o país de prestígio, o país que detém o poder decide e impõe uma nomeação que deve ser seguida e adotada por todos os países de menor prestígio.

Na gramática da Língua Portuguesa, temos a formação de palavras por composição, que pode se dar por justaposição ou por aglutinação. A justaposição se dá quando duas palavras inalteradas se juntam para formar outra, como é o caso de para + olímpiada =

paraolimpíada. Na aglutinação temos a alteração das palavras formadoras, como é o caso de para + olímpiada = paralimpíada.

A memória da palavra *olímpiada* a filia ao evento esportivo que abarca atletas considerados "completos", "melhores", "normais", enquanto a palavra *límpiada* se filia a sentidos que a remetem a um evento para atletas deficientes.

Do ponto de vista gramatical, ambas as composições — paraolimpíada e paralimpíada — são aceitas, contudo, do ponto de vista do sentido a alteração de um termo pelo outro, em paralímpico, significou/significa, para além do objetivo de parametrização e universalização dos termos, em definitivo o lugar diferenciado, o lugar apartado, o (não) lugar do deficiente/da deficiência, ou seja, a mudança na estrutura promoveu/promove mudança nos sentidos.

O prefixo grego *para*, que significa *ao lado de*, já carrega nele mesmo o sentido de deficiência, quando aglutinado, então, com o termo *límpiada*, que suprime o *o* de olímpiada, passam a formar uma nova palavra composta, que apresenta apenas um acento tônico. Esse funcionamento gramatical, que faz com que a nova palavra perca sua identidade ortográfica e fonológica, a faz perder também o sentido original dos termos justapostos, pois a nova palavra passa a não guardar mais relações de sentido com as que a originaram.

Como vemos, o processo de nomear instala-se pelo lugar de identificação do sujeito, pois, conforme Orlandi (2015, p. 191) "[...] a identidade não é uma essência que carregamos, ela resulta de processos de identificação".

O que aproxima, então, os Jogos Paralímpicos dos Olímpicos não é apenas o fato de ser um evento *ao lado de*, mas um evento que se constitui, que precisa de campanhas, que necessita de incentivo para que a população participe dele, pois o gesto de fazer pertencer, de tornar igual, de colocar ao lado produz, como efeito, o rechaço, o menosprezo o lugar do não pertencimento para o sujeito deficiente.

Observamos que a mudança imposta ao CPB pelo comitê internacional dá-se na estrutura da palavra composta por aglutinação, contudo, nem toda mudança apaga ou minimiza os sentidos de rechaço, de descaso por parte da sociedade para com os Jogos Paralímpicos. Dito de outro modo, não é a nomeação homogeneizada em todo mundo que vai garantir a inclusão, o pertencimento dos jogos dos deficientes na mesma categoria dos olímpicos. O prefixo *para* ganha, nestas condições de produção, um sentido que foge ao estabilizado pela língua grega (ao lado de), pois o sentido que a indiferença da população produz em relação à palavra *paralímpico* é resultado de uma interpelação histórico-ideológica que determinam os sujeitos e os sentidos.

Desse modo, os Jogos Paralímpicos deixam de significar um evento paralelo, concomitante, ao lado dos jogos olímpicos, e passam a significar um segundo evento, *o evento para os deficientes*. Assim, o que se silencia são os sentidos que instituíram os Jogos Olímpicos como o jogo dos grandes atletas, dos atletas dos corpos perfeitos e das performances recordistas. É a esse espetáculo de auto superação e superação do outro que o público quer assistir, é à individualidade competitiva e de superação que o público, mobilizado pelos sentidos instalados pelo capitalismo, quer prestigiar, quer homenagear, quer aplaudir.

Nos jogos dos deficientes, os sentidos de superação estão postos, mas, por se tratar de um sujeito constituído na falta, a sua performance, a sua capacidade de superação das barreiras impostas pelo corpo, também faltoso, não é o que o público quer assistir ou aplaudir. O sentido de alto desempenho, de superação do próprio recorde, pelos atletas olímpicos, produz no público a competição, a concorrência, o desejo de vitória pessoal, tão incentivada e efetivada pelas leis do capitalismo.

A memória que constitui o atleta dos Jogos Olímpicos é a daquele que supera suas próprias limitações, enquanto a do atleta paralímpico é a da pessoa constituída com(o) falta, uma pessoa que luta contra seu próprio déficit, contra sua própria falha. Daí o grande número de patrocinadores que querem representar o atleta olímpico, enquanto o paralímpico enfrenta, além das limitações físicas, dificuldades relacionadas a quem os patrocine. Podemos afirmar, então, que a memória que constitui o atleta olímpico é a do esportista *que supera a própria perfeição*, enquanto a do atleta paralímpico é a do esportista *que supera a falta, a falha, a própria deficiência*, colocando em funcionamento os sentidos históricos de instalação dos jogos dos deficientes.

Disso resulta a compreensão de que a história afeta os sujeitos de maneira diferente, justamente porque a relação destes com a memória discursiva não é a mesma. Os sentidos que a mídia faz circular sobre o deficiente não vão ao encontro dos que circulam sobre o atleta olímpico, que é o de competitividade e de individualismo. A mídia, contudo, ao colocar em visibilidade os sentidos de assistencialismo e de superação, faz deslizar a relação deficiente/olimpíadas para deficiente/deficiência.

A justificativa para a mudança se dá na direção de uma unidade internacional, como se esta unidade pudesse representar a unidade entre os atletas de um jogo e do outro. Assim, justifica-se um fora que determina um dentro, ou seja, a imposição ao comitê brasileiro pelo comitê internacional, que lhe dita modos de nomear e de fazer circular sentidos para o deficiente/a deficiência, marcados por interesses financeiros e comerciais, pois ser afeito aos

ditames do capitalismo é o único modo de assegurar uma certa visibilidade para o atleta paralímpico, produzindo-lhe a ilusão da participação e do pertencimento.

O capitalismo, que rege a sociedade atual e que destina aos deficientes o não pertencimento, gerou nas Paralimpíadas a necessidade de uma campanha de venda de ingressos, então, no próximo recorte, trouxemos o slogan da campanha que visou a venda de ingressos, mostrando os efeitos de não pertencimento que essa campanha produz.

3.2 #somostodosparalímpicos: efeitos produzidos pela campanha

No segundo recorte buscamos compreender o funcionamento linguístico da estrutura "Somos todos iguais", como uma memória estabilizada do dizer que mesmo alterando o léxico "iguais", ainda assim, o sentido de igualdade se estrutura no enunciado.

Observemos os efeitos metafóricos que são produzidos pela estrutura linguística utilizada na propaganda: *Somos todos paralímpicos*.

Pela estrutura da língua, do ponto de vista sintático, o verbo "somos" pressupõe o sujeito da oração "nós". O enunciado propõe uma interlocução marcada pelo *nós*, que representa a junção de duas [o eu e o tu (você)] ou mais pessoas, pela noção de conjunto que o pronome pessoal em questão abarca. Dessa maneira, qualquer palavra que se colocar como complemento desse *nós* carrega em si um funcionamento que comporta o sentido de unidade e de pertencimento, como em: nós (o povo), nós (os pesquisadores) etc.

Esse mesmo funcionamento pode ser observado na postagem do jogador de futebol Neymar, quando fez circular nas redes sociais a mensagem "somos todos macacos³²", fazendo com que aquilo que se materializa na estrutura da língua signifique, no caso, uma crítica ao racismo. Do mesmo modo, em *somos todos paralímpicos*. O *nós*, marcado na frase pelo *somos*, possibilitado pelo encaixe de elementos sintáticos, faz significar, pelo funcionamento próprio da língua, efeitos que incluem, unificam e colocam em coparticipação os sujeitos.

Para visualizarmos a descrição do que advém do encaixe sintático do *nós*, trazemos paráfrases possíveis do *somos todos paralímpicos*, uma vez que no batimento da paráfrase, a polissemia já se instala, pois o movimento parafrástico pressupõe o(s) mesmo(s) e outro(s) sentido(s), que só funcionam porque há, na repetição, efeitos outros que são postos em funcionamento "[...] em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a

³² A postagem de Neymar, "Somos todos iguais, somos todos macacos. Racismo não", deu-se em apoio ao colega Daniel Alves, que foi vítima de racismo na Espanha em jogo pelo Barcelona.

memória. [Visto que] a paráfrase é o retorno aos mesmos espaços do dizer" (ORLANDI, 2009, 36).

Vejamos, então, as paráfrases e o que elas deslizam para sentidos outros, dando visibilidade aos sentidos de deficiência:

Somos todos paralímpicos; Somos todos iguais; Somos todos uma unidade; Somos todos diferentes; Somos todos deficientes.

Notemos que ao substituir *paralímpico* pela palavra *igual* e *unidade* o sentido pode deslizar-se para o mesmo (paráfrase) e para o diferente, o sentido outro (polissemia). Assim temos o deslizamento do mesmo (paralímpico, igual, unidade, um) para o diferente (deficiente, diferente, paralímpico). É por essa razão que Orlandi (2003, p. 16) afirma que há um batimento distinto na Análise de Discurso, que se marca na "[...] relação inconclusa, tensa e indistinta entre paráfrase (o mesmo) e polissemia (o diferente) [...]"³³.

Além de chamar a atenção para o funcionamento da paráfrase e da polissemia, a autora ressalta ainda, como fazer distintivo da Análise de Discurso,

[...] a incompletude do sujeito; a identidade como movimento na história; a língua sujeita à falha e a inscrição da língua na história produzindo o equívoco; o gesto de interpretação fazendo-se na relação da estrutura com o acontecimento, jogo da contradição; a passagem do irrealizado ao que "faz" sentido (discursos fundadores), distinguindo entre o não-sentido (non sens) e o sem-sentido (o que já significou) (*idem*, *ibidem*).

A campanha para a venda de ingressos dos Jogos Paralímpicos teve como tema "Somos Todos Paralímpicos", que remete a uma memória do dizer "Somos Todos Iguais". Trata-se de um enunciado que constitui a memória de existência e de luta do deficiente pelo direito à igualdade e à solidariedade. A memória aqui é tomada como o interdiscurso, aquilo que fala antes, em outro lugar, e independentemente da vontade do sujeito empírico. Orlandi (2009, p. 31) define memória discursiva como "[...] o saber discursivo que torna possível todo dizer, que retoma sob a forma de pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra".

-

³³ ORLANDI, Eni P. "A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil". Disponível em http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/1SEAD/Conferencias/EniOrlandi.pdf. Acesso em 29 mai. 2017.

Para compreendermos o funcionamento da campanha, trazemos dois discursos que constituem os sentidos de igualdade: o religioso e o jurídico. Pelo viés religioso, os sentidos de igualdade se traduzem como sendo a própria palavra de Deus. Assim, está assegurada na lei maior do povo, de modo a fazer funcionar o discurso religioso, pois as leis, nascidas das práticas e dos costumes, refletem a moral social cristã, que marca a religiosidade de todo o ocidente.

Tomemos, então, a Bíblia, enquanto o livro que reflete a religiosidade do país, do mesmo modo que a Constituição reflete seus modos de organização política.

Iniciamos, então, pela questão da criação do homem, pois os sentidos de igualdade se fundamentam principalmente pelos dizeres de que *somos todos filhos de Deus*, o que nos torna todos irmãos e, portanto, somos iguais. Essa afirmação é dada no primeiro livro da bíblia que diz: "E disse Deus: — Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança" (Gênesis 1:26). Desse modo, a Bíblia nos afirma como filhos de Deus, tanto como homens feitos à sua imagem e semelhança quanto como homens que têm fé em seu filho, Jesus Cristo: "Porque todos sois filho de Deus pela fé em Cristo Jesus" (Gálatas 3:26).

Nesse dizer da *Bíblia*, a palavra *filho* está remetida a um coletivo, à humanidade, logo, a um *nós*, assim, o dizer do livro sagrado joga com o mesmo *nós* da campanha. Esse funcionamento materializa a relação sujeito/língua, pois a palavra *filho*, no singular, só se torna *todos*, portanto, coletivizada, quando dita por um discurso autorizado. Em outras palavras, no discurso religioso, o *filho* é universalizante e, portanto, tem a força de incluir *todos*, quando o dizer se inscreve em uma dada formação discursiva religiosa, uma FD, que permite fazer funcionar, pela posição-sujeito do dizer, o sentido de todos, de coletividade, de humanidade. Dessa maneira, tanto no discurso religioso quanto no da campanha o pronome indefinido *todos* apaga e naturaliza os sentidos destoantes, silenciando a diferença.

A entrada dos discursos religioso e jurídico em "Somos todos iguais" se dá pela noção de memória discursiva, assim o que faz funcionar os sentidos de igualdade e de universalidade são os traços linguísticos e as formas de encadeamento da formulação religiosa: *Porque todos sois filho [...]*, que se encontra refletida na formulação jurídica – *somos todos iguais*, uma vez que é a noção de memória discursivo que disponibiliza a forma que permite encadear os significantes em "Somos todos iguais" enquanto discurso religioso.

A memória do dizer, enquanto a instância das formações discursivas, marcadas por formações ideológicas dadas, é definida pelo interdiscurso que lhe dá possibilidade de existência. Assim, as discursividades religiosa (somos todos filhos do mesmo Pai) e a jurídica (somos todos iguais) entram em confluência para compor os sentidos de

em

deficiência/deficiente, enquanto irmãos que, marcados por condições especiais, merecem ajuda, piedade, comiseração.

A ideia de arquivo em Derrida (2001, p. 11) dá essa dimensão, pois, para pensá-lo, o autor propõe um caminho, a partir da palavra Arkhê que designa, ao mesmo tempo, começo e comando, que coordenam dois princípios em um, "[...] o princípio da natureza ou da história, ali onde as coisas começam [...], mas também o princípio da lei ali onde os homens e os deuses comandam, ali onde se exerce a autoridade, a ordem social, nesse lugar a partir do qual a ordem é dada". Como vemos, a noção de arquivo do autor aproxima-se da noção de formação discursiva enquanto espaços predominantes de modos de dizer, que se imbricam assegurando novos sentidos.

Para Pêcheux (1982 apud ORLANDI, 1994), o arquivo é tomado como um conjunto de documentos sobre dada questão, implicando uma dada organização, que decorre de um trajeto de leitura, que convoca, de antemão, o que já faz parte do interior desse conjunto documental. Assim, tal como propõe Derrida, aqui também opera a noção de começo e a de comando, que dirige a leitura para uma dada direção e não para outra.

Nesse lugar de imposição de um discurso sobre o outro, apagam-se as diferenças para fazer funcionar o seu oposto, a igualdade, em torno do um, em torno de Cristo: "[...] não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus." (Gálatas 3:28). Como vemos, no discurso religioso a igualdade faz parte do princípio de irmandade, sendo assim, ser irmão é se compadecer do próximo, tanto no afeto quanto no biológico, pois um dos ensinamentos deixados pela Bíblia afirma que "[...] toda a Lei se resume num só mandamento: Ame o seu próximo como a si mesmo" (Gálatas 5:14).

No discurso jurídico, o princípio da igualdade está presente desde a Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988³⁴, a carta magna, a lei maior do país a que todas as outras devem se sujeitar. Assim, no artigo 5º da Constituição lemos: "Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...]".

Com bases nos dispositivos da lei, o discurso jurídico se faz sobre a evidência de que não há diferenças entre os sujeitos, que todos usufruem dos mesmos direitos e deveres, ou seja, que todos são iguais para a lei, que todos os sujeitos estão no mesmo nível. Contudo,

Brasil. Constituição República Federativa do Disponível http://www.planalto.gov.br/ccivil 03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em 29 mai. 2017.

para a Análise de Discurso, a evidência já é em si mesma um efeito da ideologia, cujo efeito produzido é o de promover um amplo apagamento das diferenças entre os sujeitos, que vão desde as diferenças físicas, sociais e econômicas até diferenças marcadas pelas deficiências.

Esse efeito ideológico de igualdade é dado pelos modos de individuação dos sujeitos pelo Estado, cujo propósito é fazê-lo funcionar como sujeito de direito:

[...] enquanto sujeito, determina-se pelo modo como, na história, terá sua forma individual(izada) concreta: no caso do capitalismo, que é o caso presente, a forma de um indivíduo livre de coerções e responsável, que deve assim responder, como sujeito jurídico (sujeito de direitos e deveres), frente ao Estado e aos outros homens. (*idem*, p. 16).

O sujeito de direito com o qual lida a lei decorre do processo de interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia, um sujeito que "[...] o Estado, com suas instituições e relações materializadas pela formação social que lhe corresponde, [...] individualiza [como] forma sujeito histórica, produzindo diferentes processos de identificação" (op.cit., p. 15).

Deste modo, o sujeito jurídico é aquele que se constitui pela ilusão de igualdade e de liberdade, por acreditar-se dono das suas intenções e, portanto, dos sentidos. Esse discurso da igualdade, que está necessariamente ligado e outros dizeres, que conformam o interdiscurso ou memória do dizer, fazem significar as novas formulações. Contudo, o sujeito, mesmo interpelado por outros dizeres, acredita-se a origem e a direção dos sentidos.

Os sentidos de igualdade se constituem pelo discurso considerado fundador, instalado pelo lema que instituiu a Revolução Francesa: Liberdade, igualdade e fraternidade. Desse modo, o discurso da igualdade surge juntamente com os direitos civis, por considerar, segundo Odalia (2005), o século XVIII como o século do Iluminismo, o século em que se deu a tentativa de transformar as ciências da natureza em ciência da razão e da experimentação, considerada o verdadeiro caminho para o estabelecimento do conhecimento científico.

O autor afirma que, no século XVIII, surge a ideia da felicidade como uma meta a ser alcançada pela coletividade. Assim, pensar a coletividade só é possível quando há a possibilidade de uma sociedade para todos que vivem nela, o que se anunciou com a Revolução Industrial, pois, com a produção em abundância, houve a necessidade de o sujeito se incluir no mercado massivo, popular e em escala mundial. Essa expansão, fez com que se criasse uma ideia de sociedade mais igualitária, em que as diferenças fossem desaparecendo, de modo a que a justiça e a igualdade passassem a se constituir como objetivos centrais da sociedade.

Liberdade, Igualdade e Fraternidade são os direitos que vão sintetizar a natureza do novo cidadão. São as palavras de ordem dos que se amotinaram contra as opressões das quais há séculos padeciam. Em curto retrospecto histórico, com o fim da Idade Média, os reis assumiram o Poder Político, constituindo exércitos em defesa dos ataques intensos sofridos pelos senhores feudais, que acabaram por ser apenas caudatários da Monarquia. Esta, pouco a pouco, tornou-se Absoluta. Luís XIV da França disse, com toda a razão, a frase-síntese: "O Estado sou eu!" (ODALIA, 2005, p. 159-160).

A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, ao ganhar caráter universal, fez com que todos os homens comuns, sem qualquer tipo de distinção, se transformassem em cidadão, ou seja, se colocassem como sujeitos de direitos e deveres.

São essas, então, as condições de produção em sentido amplo que instalaram o enunciado da igualdade, ou seja, somos todos iguais para buscar a inserção no mercado de trabalho, para produzir e consumir, pois esta é a condição para a instituição do sujeito de direito, o sujeito da atualidade, o sujeito do capitalismo, um sujeito que é individualizado pelo Estado, que o constitui, uma vez que se acredita livre, mas a liberdade é a ilusão que o constitui como submetido.

Nessas condições de produção, os sentidos de igualdade funcionam de modo a produzir nos sujeitos a ilusão de que o Estado, através da lei, propicia para todos os sujeitos os mesmos direitos e as mesmas condições de sobrevivência. Com as condições dadas, aquele que não consegue se sobressair leva sobre si a falta, o ônus pelo fracasso, pois a igualdade de condições está dada aos sujeitos pelo Estado. Sendo assim, é conveniente para o Estado que o sujeito se instale pelos sentidos de igualdade, pois são eles que estabilizam a memória social de que não há diferenças; mas como sabemos, são esses modos de individuação do sujeito pelo Estado que apagam, amainam, adormecem as diferenças, que são constitutivas dos sujeitos.

Foucault (1987, p. 29) explica esse funcionamento de determinação pelo Estado pela docilização dos corpos, pois

[...] o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força

útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. [...] Quer dizer que pode haver um "saber" do corpo que não é exatamente a ciência de seu funcionamento, e um controle de suas forças que é mais que a capacidade de vencê-las: esse saber e esse controle constituem o que se poderia chamar a tecnologia política do corpo. Essa tecnologia é difusa, claro, raramente formulada em discursos contínuos e sistemáticos; compõe-se muitas vezes de peças ou de pedaços; utiliza um material e processos sem relação entre si.

O sujeito apresentado por Foucault é o sujeito da atualidade que se divide entre ser produtivo e submisso ao Estado, mas que tem a ilusão de ser livre. Ao dizer que o corpo está mergulhado em um campo político podemos compreender que o corpo é/está divido, pois, segundo Orlandi (2016, p. 20), o político produz a "[...] divisão da sociedade, divisão dos sujeitos, divisão do sujeito, em que faz funcionar na sociedade capitalista, relações de poder simbolizadas".

Para a autora,

O sujeito moderno – capitalista – é ao mesmo tempo livre e submisso, determinado (pela exterioridade) e determinador (do que diz): essa é a condição de sua responsabilidade (sujeito jurídico, sujeito a direitos e deveres) e de sua coerência (não-contradição) que lhe garantem, em conjunto, sua impressão de unidade e controle de (por) sua vontade. Não só dos outros, mas até de si mesmo. Bastando ter poder... Interpelação pela Ideologia e Individualização pelo Estado: a Forma da Contradição. (ORLANDI, 1999, p. 14).

O sujeito capitalista toma para si a responsabilidade de se superar e se responsabiliza por seus sucessos ou fracassos. Sendo assim, nas condições de produção capitalistas, o corpo deficiente deixa de significar pela ciência de seu funcionamento, como diz Foucault, para passar a funcionar pela produtividade e pela capacidade de se superar, a condição que lhe garante o pertencimento.

O corpo deficiente deve instituir-se, então, para a superação e para o mercado de trabalho, pois a condição para o seu pertencimento é a inserção no mercado de trabalho para torna-se sujeito de produção e de consumo.

Como vimos mostrando, a memória, que constitui e instala o enunciado da campanha "Somos todos Paralímpicos", busca apagar as diferenças e significar uma sociedade unívoca, onde tudo funciona perfeitamente. Mas como todo enunciado pode tornar-se outro, o "Somos Todos Paralímpicos" pode, pelo deslizamento parafrástico, tornar-se "Somos todos iguais", produzindo o mesmo efeito de igualdade, quando a igualdade pode significar, como

mostramos, a contradição, o seu oposto, uma vez que há sujeitos "iguais" que se constituem pela falta, pela diferença, pela deficiência.

Em outras palavras, o termo *paralímpico* foi instituído para nomear o atleta olímpico marcado pela falta, ou seja, o deficiente. Há, pois, em funcionamento uma igualdade marcada e constituída pela diferença, na qual o termo presente em "Somos todos Paralímpicos" carrega sentidos de que "somos todos em prol desta causa", mas "não somos todos iguais", pois o funcionamento discursivo posto pelo enunciado da campanha propõe a igualdade, que se contradiz ao instalar a igualdade para o que é diferente. Assim, o slogan que funciona como mote para chamar a atenção para uma causa, instala e faz significar os que não são "iguais". Ou seja, o enunciado, que produz efeito de igualdade, visto que mobiliza o texto da carta magna, produz como efeito os sentidos de diferença, de deficiência, que demanda, por parte do outro, a solidariedade.

Deste modo, o efeito de substituição da palavra Paralímpico pela palavra igualdade faz significar a luta pela igualdade, não mais uma luta racial, mas uma luta pelo direito de ser reconhecido como igual, o direito de pertencer.

Embora o próprio ato de instituição dos Jogos Paralímpicos já marca uma diferença e um não pertencimento que se instala até no próprio nome do evento, pois há uma estrutura que significa a igualdade, mas as condições de produção do enunciado constitui-se como contradição, uma vez que no dizer da igualdade, há nele mesmo o funcionamento da negação, visto que não é e não pode ser tratado como igual o que é constitutivamente diferente.

A diferença se materializa na nomeação dos sujeitos (olímpicos e paralímpicos), no evento (que está *ao lado*, que ocorre na sequência, na mesma cidade-sede, mas que é outro evento), na venda de ingressos (os olímpicos têm os ingressos esgotados muito antes da ocorrência dos jogos e os paralímpicos necessitam de campanhas para a venda de ingressos, que têm preços módicos e que não atrai a população), no destaque dado pela mídia (as emissoras de televisão de rede aberta fizeram a cobertura completa dos Jogos Olímpico, desde a abertura, em oposição aos Paralímpicos, que não tiveram nenhuma cobertura e mereceram apenas notícias esparsas).

O que esse funcionamento nos mostra é que mesmo com todo o discurso da igualdade, da solidariedade, a deficiência continua significando por outras vias, onde o enunciado "somos todos Paralímpicos" funciona como um simulacro que apaga a deficiência pelos sentidos da igualdade, fazendo cristalizar os sentidos de rechaço, que se instituem na história de repetição de uma contradição que aparta o deficiente/a deficiência de qualquer possibilidade de pertencimento.

Orlandi (2016, p. 20) afirma que "[...] a igualdade extrema, a uniformidade, produz a tirania da maioria, o individualismo exacerbado e o despotismo", ou seja, quanto mais se tenta tratar como igual o diferente, mais se acirram as diferenças, mas elas se institucionalizam, mais se estereotipiza a deficiência/o deficiente que se quer pertencendo, participando. Em outras palavras, o apagamento da diferença faz com que ela se instale mais forte e definitivamente, pois trazer a igualdade como ferramenta de luta pelo reconhecimento de luta por direitos produz, como efeito, uma invisibilidade mais cruel, visto que ela se instala exatamente por uma contradição: quanto mais se tenta tornar visível, quanto mais se tenta tornar igual, mas as diferenças se mostram, pois há algo que falta e o que falta é a causa da invisibilidade e das diferenças.

3.3 Corpo faltoso e corpo perfeito: imagens da campanha

Neste terceiro recorte buscamos compreender como os sentidos de *corpo faltoso* são constituídos pela campanha #somostodosparalímpicos, da revista Vogue, que além da formulação traz imagens de artistas globais — Cleo Pires e Paulinho Vilhena — que foram convidados para serem embaixadores do Comitê Paralímpico Brasileiro e para divulgarem a campanha Somos todos paralímpicos.

A reportagem on-line da Revista se intitula *Somos Todos Paralímpicos: a campanha com Cleo Pires e Paulinho Vilhena* e logo após lemos: "Embaixadores do Comitê Paralímpico Brasileiro, atores se engajam em campanha para atrair o público às competições que ocupam a cidade de 7 a 18 de setembro [de 2016]".

Na sequência, os dois artistas globais aparecem apresentando "deficiências físicas" que simulam a amputação de membros: inferior (no caso de Paulinho Vilhena) e superior (no caso de Cleo Pires).

O objetivo do convite da Revista e do CPB para os atores globais foi o de "[...] dar maior visibilidade aos paratletas e mostrar sua relevância para o esporte nacional", conforme informa a reportagem.

Na sequência da imagem dos embaixadores das Paralimpíadas são mostradas as imagens dos "paratletas" que, conforme afirma a Revista, serviram de "inspiração" para a "amputação" dos atores globais.

A campanha informa ainda que a ideia de "amputar" os embaixadores do Comitê Brasileiro (Cleo Pires e Paulinho Vilhena) para simular a deficiência física de dois paratletas (Bruna Alexandre e Renato Leite) foi concebida [...] pelos atores com o apoio do Comitê Paralímpico Brasileiro e dos atletas [...], [assim], o anúncio traz Cleo na pele de **Bruna Alexandre**, paratleta do tênis de mesa, e Paulo com o corpo de **Renato Leite**, da categoria vôlei sentado (Grifos da reportagem).





Foto de divulgação da campanha Somos Todos Paralímpicos, da revista Vogue (Cleo Pires e Paulo Vilhena)³⁵

.

³⁵ A reportagem passou a circular no dia 24/08/2016. Disponível em http://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2016/08/somos-todos-paralimpicos-campanha-com-cleo-pires-e-paulinho-vilhena.html. Acesso em 01 jun. 2017.





Foto de divulgação da campanha *Somos Todos Paralímpicos*, da revista *Vogue* (Cleo Pires e Paulo Vilhena com os paratletas Bruna Alexandre e Renato Leite, nos bastidores da campanha)³⁶.

Na continuidade, a reportagem traz a foto de Cleo Pires (feita pelo fotógrafo da reportagem), seguida da de Bruna Alexandre (retirada do *Instagram* da paratleta) ³⁷:

Figura 6



Cleo Pires (Foto: André Passos)

Figura 7



Bruna Alexandre (Foto: Reprodução/Instagram)

³⁷ Fotografias 6 e 7. Disponível em http://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2016/08/somos-todos-paralimpicos-campanha-com-cleo-pires-e-paulinho-vilhena.html. Acesso em 01 jun. 2017.

³⁶ Idem.

A foto "amputada" de Cleo Pires segue o seu depoimento "Participar da campanha foi uma honra para mim" e o do diretor de arte da *Vogue* Brasil, Clayton Carneiro,

[...] o clima no estúdio era de total felicidade e orgulho. Paulinho Vilhena e Cleo Pires fizeram um lindo discurso antes de começarmos a fotografar que emocionou a todos os envolvidos. E para quem não sabe, a ideia toda da campanha foi da embaixadora das Paralimpíadas, Cleo Pires A gente sabia que seria um soco no estômago, mas estávamos lá por uma boa causa, afinal, quase ninguém comprou ingressos para ver os jogos paralímpicos.

A foto de Bruna Alexandre encontra-se publicada no perfil do *Instagram* da atriz Cleo Pires, seguida da postagem sobre a campanha:

Essa é a foto na qual nos inspiramos pra foto da campanha #somostodosparalímpicos. Essa é a Bruna Alexandre. Como embaixadora do comitê paralímpico brasileiro me sinto honrada em representar a Bruninha nessa campanha endossada pelo comitê paralímpico e pelos atletas paralímpicos brasileiros. Apenas uma dentre nossos 279 atletas Paralímpicos. E ela tem "umas 400" medalhas como ela mesma diz. Arianinha [nascida sob o signo de Aries] danada começou a competir com atletas que tinham os dois braços guerreira, ainda compete, não se acomoda. Fera demais. Nóix, pequena.

Na publicação do *Instagram* da atriz global Cleo Pires, trazido para o site da Revista, aparece a foto da paratleta que "inspirou" sua "amputação": "[...] essa é a foto na qual nos inspiramos para a campanha #somostodosparalímpicos". As estrelas da campanha são, pois, os atores globais, especialmente Cleo Pires, que ressalta o espírito de auto superação da atleta paralímpica Bruna Alexandre: "[...] Arianinha danada começou a competir com atletas que tinham dois braços [emoticons] guerreira, ainda compete, não se acomoda. Fera demais. Nóix, pequena [emoticons]".

O dizer da atriz se coloca como constitutivo de uma memória que toma a pessoa deficiente como guerreira, como alguém que supera os desafios, mas diz também dela própria, pois a danada, a guerreira, a competitiva, a não acomodada, a fera demais não é só a paratleta, mas é *Nóix, pequena*.

O efeito que o *Nóix, pequena* produz é o da igualdade: "nós que temos essas características, nós que somos pequenas, nós que, apesar de todas as diversidades, somos

fortes", mas também o da diferença, visto que o x no lugar do s em $n \acute{o} s$ (n \acute{o} is – n \acute{o} ix), marca o lugar da diversidade³⁸.

Os adjetivos usados pela atriz para referir-se à paratleta – danada, guerreira, fera, pequena - funcionam todos de modo a exaltar a superação da deficiência que se marca no corpo, visto que "[...] começou a competir com atletas que tinham dois braços", ou seja, é a falta de um braço que constitui a atleta deficiente como admirável, como capaz de auto superação, pois é a falta do braço que estabelece a diferença e a superação no corpo faltoso.

É preciso ressaltar, contudo, que tanto a postagem de Cleo Pires quanto a fotografia de Bruna Alexandre são trazidas do perfil do *Instagram* da atriz global para o site da revista Vogue, o que não consideramos trivial, pois, enquanto para a embaixadora, a Revista dispensa um grande aparato para as fotos da campanha, que são feitas pelo fotógrafo da Revista, André Passos, com a supervisão do seu diretor de arte, Clayton Carneiro, a foto da paratleta, "inspiradora" da campanha, não apresenta a mesma produção que a de Cleo. Ou seja, o objetivo da Revista não foi, em nenhum momento, o de dar visibilidade ao corpo faltoso, mas sim aos artistas globais, que se aproximam do seu público alvo.

Para a campanha #somostodosparalimpicos, que se acompanhou de fotografias e de reportagens e que teve o propósito de vender ingressos para os Jogos Paralímpicos, associamse a revista Vogue Brasil, enquanto mídia proponente a anunciar a campanha, de um lado, e o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), de outro, convidando os atores globais, Paulinho Vilhena e Cleo Pires, para serem os embaixadores do evento.

A primeira estranheza que essa associação produz é a eleição da revista Vogue para fazer circular a campanha, pois, conforme anunciado, a referida mídia tem objetivos declarados – dedicar-se à moda (o que já impõe, de saída, o corpo perfeito), e às pessoas bem sucedidas, como empresários, atores hollywoodianos e globais etc.

A escolha de uma revista, que atende a um público seleto, que se interessa pelo mundo fashion, que preza pela divulgação da beleza e do sucesso, instala-se como um paradoxo, como uma contradição, pois uma revista que se volta à classe média alta e rica em todo o mundo, que se volta aos corpos perfeitos e bem sucedidos parece ser a mídia menos recomendada para fazer publicidade visando à venda de ingressos dos jogos dos deficientes.

A estranheza faz-se, então, exatamente pelas características que a mídia eleita para a promoção dos Jogos Paralímpicos possui, pois os paratletas, apesar de toda a superação, vêm,

³⁸ Alteração linguística utilizada, principalmente nas redes sociais, como tentativa para marcar a neutralidade de Disponível nas palavras masculinas e femininas. https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2011/12/22/entre-os-usos-de-e-x/. Acesso em 01 jun. 2017.

em sua maioria, de famílias pobres, apresentam corpos faltosos (portanto, muito distante do corpo visado pelo mundo da moda), e dificilmente conseguem patrocínio para desenvolver-se no esporte. Em outras palavras, a Revista apresenta modelos de beleza e de pessoas bem sucedidas que, historicamente, constituem-se como o avesso da história de constituição do sujeito deficiente.

O site da Revista traz ainda a foto "amputada" de Paulinho Vilhena e anuncia, para a edição impressa de setembro da revista *Vogue* Brasil, o ensaio fotográfico *super humanos*, de Cleo Pires e Renato Leite, também com fotografia de André Passos e direção de arte de Clayton Carneiro³⁹:

Figura 8 Figura 9







Cleo Pires e Renato Leite na revista Vogue de Setembro

Somado à estranheza provocada pela Revista, causa estranheza, do mesmo modo, a eleição de atores globais, de corpos perfeitos, malhados para instituírem-se como embaixadores dos jogos dos deficientes, pois ambos atendem ao perfil de publicação da Revista, mas não ao dos paratletas. Daí a razão da necessidade de representar os corpos perfeitos dos embaixadores como "inspirados" em corpos de paratletas, para simular, no corpo perfeito daqueles, o corpo faltoso destes. Contudo, nem todo o recurso especial, nem toda a montagem dá conta de subsumir um tipo de corpo pelo outro, pois, por mais que a falta esteja simulada no corpo dos globais, a memória que institui seus corpos faz funcionar neles o complemento faltoso, faz perceptível neles o simulacro da falta.

3

³⁹ Fotos 8 e 9. Disponível em http://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2016/08/somos-todos-paralimpicos-campanha-com-cleo-pires-e-paulinho-vilhena.html. Acesso em 01 jun. 2017.

O simulacro do corpo faltoso, montado nos corpos de atores famosos, nos corpos que representam o padrão de beleza global, torna a campanha da revista *Vogue* para a propaganda e venda de ingressos, *algo falso*, *algo ficcional* como é simulado o corpo faltoso no corpo escultural dos embaixadores, pois essa inverdade, esse fingimento, esse disfarce, essa dissimulação na apresentação de paratletas por atores globais, produz os mesmos efeitos sobre a campanha.

Assim, se a venda de ingresso dos jogos paralímpicos, diferentemente dos olímpicos, precisa de campanha, de "embaixadores" para atrair a população para o evento que se dá "ao lado", o recurso engodado nos corpos, produz o efeito de maior rechaço ainda à "boa intenção", à "boa ideia" de quem a protagonizou. Em outras palavras, a utilização de corpos perfeitos para simularem corpos faltosos produz o mesmo efeito de falácia que os jogos que acontecem "ao lado" (os paralímpicos dos olímpicos). Talvez a eficácia pudesse residir exatamente na utilização de atletas paralímpicos para a campanha ou no apoio declarado de atores globais, sem o simulacro do corpo completo em um corpo faltoso.

Nosso questionamento faz-se sobre a significação do corpo, cuja representatividade dada pelos atores faz soar falsos os próprios *jogos paralímpicos ao lado dos olímpicos*, pois estes se tratam de jogos de competição, de superação, de quebra de recordes, aspectos aos quais o corpo faltoso do paratleta não pode se igualar.

Assim, não é a "amputação" em um corpo perfeito, não são as roupas de esportistas, não é a sensualidade e tampouco a beleza que vai caracterizar o atleta paralímpico e, do mesmo modo, fazer a população se interessar por seus jogos. A "deficiência construída" nos atores não dá conta da realidade e da constitutividade da deficiência, que é significada ideologicamente por características físicas e/ou mentais impressas definitivamente no corpo do deficiente.

Deste modo, o corpo deficiente constitui-se na falta, uma falta que a memória não pode completar, do modo como completa a imagem corpórea da atriz sem um braço ou do ator sem uma perna. Esse modo simulado de colocar-se no lugar do deficiente só reforça o engodo do funcionamento imaginário da igualdade, pois não há modos de o corpo completo colocar-se no lugar do corpo faltoso, como não há modos de o diferente querer, por imposição legal, religiosa, intencional, colocar-se no lugar do igual.

Petri (2009, p. 37) ressalta a importância da percepção dada às deficiências aparentes e às menos visíveis:

É notável a relação que temos com as diferenças aparentes: se o sujeito manca, se lhe falta uma mão, se é cadeirante, se é cego, se tem fisionomia de portador de alguma síndrome (especialmente a de Down), etc. Mas é notável, também, a nossa distração para com as diferenças menos perceptíveis ao olhar, como é o caso dos portadores de necessidades especiais consideradas "mais leves", como alguns tipos de paralisia cerebral, de surdez, de confusão mental, de dificuldades com a fala, de neuroses, de psicoses, etc. Enfim, vivemos numa sociedade de aparências. Cada vez mais valorizamos a imagem, a representação que se tem a partir de uma imagem ou de outra. Essa tendência também se reflete no discurso sobre as diferenças, muito calcado na imagem.

A autora aborda o funcionamento ideológico da aparência, que diz de uma dada ordem de pertencimento ao padrão de beleza do homem médio europeu. Contudo, a contradição que se instala, por esse ditame de beleza e de inteligência, é a de marcar o corpo por uma relação de completo e incompleto, uma relação de diferença e de igualdade. Desse modo, a campanha, ao colocar em circulação os corpos atléticos de Cleo Pires e Paulo Vilhena, instala uma contradição que não se resolve, pois o dizer do corpo na deficiência é constitutivamente dado por sentidos que se instalam pelo corpo faltoso, que não pode ser subsumido, nem pela simulação, nem pela imposição jurídica ou religiosa, por um corpo completo, perfeito.

Esse efeito apaga a evidência ideológica da igualdade, que se desfaz no seu oposto, na diferença, pois a memória sobre corpos completos e corpos faltosos se faz ideologicamente marcada pelos que podem pertencer a uma modalidade de jogo e de outra. Os corpos dos atores globais se constituem investidos de sentidos que a memória do dizer alia à perfeição, sendo assim, mesmo "tornados deficientes" seus corpos só produzem contradição, engodamento, pois o corpo do deficiente/da deficiência se constitui na contramão dos sentidos de "perfeição".

Podemos dizer, então, que, pela significação do corpo do deficiente e do não deficiente, do corpo faltoso e do corpo completo, a campanha "somos todos paralímpicos" parafraseada por "somos todos iguais" só faz reforçar a desigualdade, a diferença, a falta.

Ao publicar conjuntamente a imagem do corpo completo e do corpo faltoso (dos atores e dos paratletas) o que se coloca em circulação é a marcação de uma diferença que a própria Revista, segundo sua filiação ideológica, faz questão de apontar: o uso da perfeição para dizer da falta, propondo, quase que ludicamente, a "mutilação" de membros naqueles que representam a completude, a beleza e que não sabem e nem podem saber o que é a ausência de um membro, o que é a falta constitutiva.

Guimarães (2009) afirma que a diferença é o que implica o processo de identificação do deficiente, ao mesmo tempo em que, sem negociação, impõe o que se inclui e o que se exclui. Assim, a autora afirma que a identidade relacionada à diferença se marca na linguagem, no discurso, pois a identidade e a diferença se constituem por atos de linguagem. A diferença se constitui pela relação com outras identidades, sendo assim a identidade depende da diferença.

Segundo a autora, este processo envolve um sistema de classificação que estabelece as relações sociais organizadas e divididas entre um "nós" e um "eles", dessa maneira, a diferença é vista de forma negativa, quando ela é projetada no outro, o que se constitui como o domínio da diferença. Por outro lado, olhar positivamente para a diferença implica em fazer do estranhamento e do conflito uma fonte de conhecimento.

Ao compreendermos que os sujeitos se constituem no Outro, o corpo de uma atriz/ator – que representa o padrão de completude e de beleza – "inspirado" no corpo faltoso – do/da atleta –, simula a deficiência como diferença, pois a deficiência só significa porque há um já-dado – pelos discursos religioso, médico, jurídico – que compõe a memória discursiva e que determina o corpo e o sujeito deficiente.

Na atualidade, o Estado detém um poder-saber que busca regular os sentidos e determinar quem são os sujeitos com deficiência, especialmente através dos discursos médico e jurídico. Desse modo, mesmo que o discurso jurídico se estabeleça a partir do médico, é o discurso da lei que regula os sentidos e os sujeitos, pois é a legislação que determina quem são os deficientes, fazendo funcionar um discurso que institucionaliza os direitos e os deveres para os sujeitos deficientes, criando sentidos identitários para os que podem ser ou não considerados deficientes perante a lei.

No texto *Convenção Sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência* se estabelece, como o próprio nome diz, os direitos para os deficientes, determinando, ao mesmo tempo, quem são esses sujeitos:

O propósito da presente Convenção é promover, proteger e assegurar o exercício pleno e equitativo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais por todas as pessoas com deficiência e promover o respeito pela sua dignidade inerente.

Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas. (Grifo nosso)

A lei aponta as características para significar a deficiência — *impedimento de natureza física*, *mental*, *intelectual ou sensorial* —, no entanto, para dizer qual pessoa se enquadra neste perfil é necessário que o médico estabeleça uma relação entre um corpo considerado perfeito com o que falta, com o corpo interditado pela própria condição de deficiência. Ainda neste trecho da lei, observamos a constituição da deficiência em relação ao outro no enunciado — *em igualdades de condições com as demais pessoas* — uma vez que há uma relação que significa, ou seja, o outro na relação com o Outro é que faz significar o sujeito deficiente, visto que no Outro (a alteridade), os discursos da legislação produzem e fazem significar o "corpo deficiente" na relação com o corpo não deficiente.

Após o lançamento da campanha #somostodosparalímpicos, no Instagram da revista Vogue Brasil, houve um grande movimento do público⁴⁰ desaprovando a campanha, por não eleger como atores os atletas paralímpicos e seus corpos faltosos, mesmo tendo a Revista apresentado uma justificativa que dá visibilidade ao objetivo da campanha: a venda de ingressos.

Vejamos como a revista *Vogue* Brasil justifica a campanha que ela encampa.



Figura 10

⁴¹ Disponível em https://www.instagram.com/p/BJfPT7jBleR/. Acesso em 01 jun. 2017.

_

Justificativa da revista Vogue Brasil⁴¹

⁴⁰ Na sequência traremos a análise de comentários dos internautas.

Na justificativa, outra questão que se marca na campanha da Revista é a ênfase dada aos atores globais, pois "[...] o anúncio traz Cleo Pires na pele de Bruna Alexandre, paratleta do tênis de mesa, e Paulinho Vilhena com o corpo de Renato Leite, da categoria do vôlei sentado". Assim, além da ênfase ser dada aos atores globais, colocar-se "na pele de" alguém não significa ser esse alguém, embora possa significar que a atriz se coloca no lugar, na posição da paratleta.

Contudo, tanto a expressão "na pele de" quanto a "com o corpo de", marca a exterioridade do corpo representado, que funciona como um fora, como um referencial, uma vez que não pertence ao corpo do ator. Desse modo, o efeito produzido sobre o corpo do deficiente coloca em funcionamento sentidos de invisibilidade para o próprio deficiente, visto que o paratleta está na campanha apenas como "inspiração" para os atores. Assim, a afirmação de que a campanha busca "atrair visibilidade aos Jogos Paralímpicos" funciona como contradição, visto que, pela campanha, a deficiência significa pelo apagamento do corpo faltoso, o corpo que não se quer ver, o corpo invisível para a sociedade.

A visibilidade dos jogos se justifica pela necessidade de venda de ingressos, e não pela performance, a superação e a competitividade dos atletas paralímpicos. Sendo assim, há um deslocamento do "somos todos paralímpicos/iguais", como um discurso de reivindicação da igualdade, de qualidade das competições apresentadas pelos atletas, para um discurso de convencimento do público para comprar os ingressos. Ou seja, a preocupação da mídia se faz sobre os níveis de audiência do evento, que necessita cobrir os altos gastos que ele representa e não para a promoção do atleta paralímpico.

Dessa forma, o objetivo é atrair o público para a compra de ingressos, mesmo que os jogos dos deficientes não constituam os interesses deste público, em se tratando de jogos de competição. A campanha funciona, então, como forma de mobilizar esse público desinteressado no deficiente/na deficiência utilizando, para mobilizá-lo, exatamente os atores que despertam a atenção e o interesse das pessoas.

Talvez encontremos aí a razão de a campanha circular na revista *Vogue* Brasil (uma revista voltada para um público específico) e utilizar atores globais (pessoas para as quais o público quer olhar e quer saber), visto que o objetivo não é promover os jogos e os atletas paralímpicos, mas vender os ingressos. Então, não interessa se as pessoas vão ou não lotar os estádios ou os ginásios, pois é a venda de ingressos que se busca, buscando suprir os gastos com o evento. E quem pode comprar ingressos para exercitar a *caridade*, para fazer o deficiente se sentir como um *igual*, para fazer acontecer o evento dos faltosos *ao lado*

daqueles a quem nada falta, é a classe média alta e rica, é o público alvo de revistas como a *Vogue*.

É por esta razão que os Jogos Paralímpicos não precisam e não são veiculados nas redes de televisão aberta (que verdadeiramente atinge a todo o povo brasileiro), pois não é à igualdade, à inclusão, ao pertencimento do deficiente que a campanha apela, visto que o que se quer é vender os ingressos, não para lotar o evento de pessoas interessadas no processo de auto superação do deficiente, mas na preocupação econômica de suprir, ainda que em parte, os gastos com o evento. Dito de outro modo, a "divulgação" pela *Vogue*, a escolha dos "embaixadores" do evento, o "apelo" da campanha funciona de modo a significar e a manter a exclusão constitutiva do deficiente/da deficiência.

O efeito de evidência que o CPB, a *Vogue*, os embaixadores da campanha produzem parece querer promover os jogos dos deficientes, mas, na verdade, o que se promove é a contradição entre o corpo faltoso e os jogos de competição. A mídia concorre para circulação e estabilização dos sentidos de exclusão, embora, pelo efeito de evidência, pareça produzir a promoção e a "inclusão perfeita" do deficiente. Nessa mesma direção, Machado (2012) afirma que as reportagens, as entrevistas, os textos e as imagens veiculadas pela mídia sobre as Paralimpíadas têm uma estreita relação com questões de poder e com regimes de verdade.

Ao se justificar a Revista não só se coloca na posição daquela que inclui como aponta para aquele ou aqueles que excluem: "Vogue apoia a causa [para] atrair visibilidade [...] e colaborar com a venda de ingressos". Assim, a Revista faz circular não só a sua vocação para a inclusão como a sua disposição em correr riscos em nome da causa, como podemos constatar no dizer do seu diretor de arte: "A gente sabia que seria um soco no estômago, mas estávamos lá por uma boa causa, afinal, quase ninguém comprou ingressos para ver os jogos paralímpicos".

Como podemos observar, o diretor afirma, apesar dos riscos, a solidariedade da Revista com a causa, produzindo o efeito de se colocar em confronto com os que não apoiam a venda dos ingressos, que quase não foram vendidos. Do mesmo modo, o dizer do diretor, ao referir-se aos embaixadores, que "[...] fizeram um lindo discurso antes de começarmos a fotografar que emocionou a todos os envolvidos", marca o discurso piedoso, caridoso, solidário, inclusivo, tanto da Revista quanto do Comitê e dos embaixadores.

A Revista se enuncia, na voz do Diretor de arte, valorizando a participação dos embaixadores e a sua própria, ao mesmo tempo em que convoca os omissos a participarem, Assim, o efeito que se produz se faz na relação com o interlocutor da

Revista, que é significada como a que participa, a que é solidária, contra aqueles que não participam, que não compram os ingressos, que necessitam ser vendidos para ajuda a uma causa: a realização de jogos para os deficientes, jogos que não se sustentam, que não se mantêm, devido ao desinteresse de todos, portanto, é preciso, ainda que seja, por caridade, por amor à causa, participar pagando os custos ou partes dos custos do evento.

Esse funcionamento discursivo coloca em circulação sentidos que se constituíram na história de relação entre a deficiência e a sociedade, fazendo mobilizar uma memória discursiva que remete à ideologia cristã, para a qual a deficiência significou compaixão, solidariedade, compreensão.

Essa forma de interpelar-se por sentidos que implicam modos de dizer em detrimento de outros, não é, contudo, da ordem da vontade, da intenção, nem da Revista e nem dos atores globais, pois se trata de um dizer marcado pelo que Pêcheux (1988) denomina como esquecimento número dois, que é da ordem da enunciação, e esquecimento número um, que é marcado ideologicamente.

Orlandi (2009, p. 35) os define, respectivamente, como "[...] ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, e ao longo do nosso dizer, formam-se famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro [número 2] [...] é da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Por esse esquecimento temos a ilusão de ser origem do que dizemos [...].

A ilusão de que há um sentido único e de ser origem do dizer marca os discursos da Revista, dos atores globais e do Comitê Paralímpico, que acreditam produzir no leitor/internauta a comoção, o sentimento de culpa, pois "quase ninguém comprou" os ingressos, que precisam ser vendidos para que os deficientes e a sociedade em geral continuem a iludir-se pelos sentidos de integração, de pertencimento, de igualdade, de estar *ao lado de*.

Assim, a Revista, os embaixadores, os promotores do evento apagam os seus ganhos pessoais para fazerem visíveis os "ganhos" dos deficientes, que "brincam" de fazer jogos competitivos e que são bancados pela boa vontade, pela caridade, pela comiseração dos que querem manter a causa.

A entrevista com a atleta paralímpica Verônica Hipólito⁴² é também trazida pela revista *Vogue* que se ocupa, em um primeiro momento, em apresentá-la como mais uma história de superação.

_

Disponível em http://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2016/08/paralimpiada-2016-conheca-velocista-veronica-hipolito.html. Acesso em 01 jun. 2017.

No auge da vivacidade de seus 20 anos, **Verônica Hipólito** é focada, madura, alegre e, principalmente, muito veloz. Grande promessa da **Paralimpíada 2016**, a velocista já é campeã mundial nos 200m. Nos Jogos do Rio, competirá nos 100m e 400m rasos, além do salto em distância, sendo apontada como grande promessa do evento esportivo. Ela leva no peito (e nas passadas) a chance do ouro para o Brasil.

Paulistana de Santo André, ela não está nessa vida a passeio. Fã de esportes desde a infância, Verônica sofreu um AVC aos 14 anos de idade e encontrou na paixão pelo atletismo a <u>força</u> que precisava para se recuperar em uma velocidade tão rápida quanto sua corrida – e <u>provar</u> que nada poderia impedi-la de brilhar. Ou, melhor dizendo: de ser a melhor versão de si mesma. De se divertir.

Na descrição que a Revista faz da paratleta encontramos o argumento constituído em torno do esporte como forma de superação dos limites e das dificuldades do deficiente. Assim, as palavras *força* e *provar* marcam a questão da deficiência como algo a ser superado através do esporte, nos remetendo ao surgimento das Paralimpíadas, quando o esporte era utilizado para proporcionar aos sujeitos com deficiência um novo sentido de "vida". Sendo assim, compreendemos que o discurso da mídia funciona ideologicamente nesta mesma perspectiva de que o esporte paralímpico é a condição que proporciona aos sujeitos com deficiência uma realização pessoal, uma forma de superação. Contudo, nos perguntamos sobre as oportunidades que os deficientes têm de se valer do esporte como forma de superação.

Vejamos o dizer da paratleta sobre os sentidos de esporte:

O que o esporte significa para você?

O esporte foi a **minha salvação**. Foi o que me tirou da cama quando sofri um AVC, foi o que me fez querer levantar mais rápido e me recuperar mais rápido. Foi o que deu uma condição melhor para a minha família. E, além de ter sido uma salvação, o esporte é também a **minha diversão**, não só a **minha profissão**. Hoje posso dizer que sou muito sortuda, porque posso fazer aquilo que amo e que me diverte — apesar de às vezes ser muito intenso, ou até muito dolorido, é a **minha paixão** (Grifos nossos).

Notamos que o esporte é adjetivado como "salvação", "profissão", "diversão" e "paixão", mas é como salvação que se filia à memória instalada pelo pós-guerra, visto que, quando os soldados voltavam para suas casas com deficiências causadas pela guerra, com traumas psicológicos e com um forte sentimento de nulidade, eram as práticas esportivas que lhes proporcionavam a salvação, o recomeço.

Os sentidos de salvação e de superação das deficiências são dados, então, pela memória que instituiu/institui histórico-ideologicamente o esporte como instrumento de pertencimento para o sujeito deficiente, pelo heroísmo, pela superação e pela suplantação das limitações.

E quando percebeu que podia alcançar um nível profissional?

Só depois que sofri o AVC, pois foi quando vi que as coisas começaram acontecer; antes disso, com exceção de meus pais, todos diziam que seria impossível [alcançar um nível profissional]. Antes do AVC, eu não era considerada uma pessoa com deficiência motora: corria porque gostava. Hoje as pessoas me veem caminhando, correndo, mexendo braço... É difícil pra mim, pois preciso fazer muita fisioterapia, tomar remédios, etc. Na época [do AVC] foi muito difícil, porque eu fiquei de cama – não conseguia nem falar. Demorei para voltar a andar, conversar, aprender sobre mim novamente. Então o esporte era o que me motivava a me cuidar – eu queria muito voltar a correr. Queria apenas ser a menina mais rápida da minha cidade, ganhar os jogos escolares. Fui ficando cada vez mais rápida até que, de repente, depois de muito treino, eu estava no campeonato mundial, em 2013, dois anos após o AVC – e ganhei (Grifos nossos).

O processo de identificação da atleta se marca por um antes e um depois do AVC, pois antes do episódio neurológico a atleta já praticava esporte, mas não apresentava nenhuma forma de deficiência. Ou seja, foi após o acometimento do AVC, que lhe deixou como sequela uma deficiência motora, que ela passou a significar e a se significar na condição de pessoa com deficiência. Dito de outro modo, o esporte só se tornou a salvação, a diversão, a profissão e a paixão quando a atleta passou a se significar como deficiente — antes, quando *eu não era considerada* deficiente, [o esporte] significava prazer, agora significa salvação.

Dessa maneira, há uma condição – a deficiência – que permite tomar o esporte como salvação para si mesma e para a sua família, pois além de salvação, o esporte é uma profissão que sustenta a atleta e seus familiares.

Em que pontos você acha que o Brasil deveria melhorar no apoio aos atletas paralímpicos?

No Brasil, o grande problema é que as pessoas divulgam a gente apenas como deficientes praticando esportes. Mas não, nós não somos deficientes praticando esportes: somos atletas de alto rendimento. Acredito que a Paralimpíada será como um divisor de águas; haverá um pré-Rio e um pós-Rio, que será quando os deficientes vão querer sair, praticar esportes. As pessoas vão parar de olhar para os outros e pensar que 'é o sem perna que está correndo', e passarão a

pensar que 'é o atleta que está correndo'. O mais rápido, a mais rápida. Passarão a finalmente nos classificar como atletas (Grifos nossos).

Vejamos que nos diferentes processos de identificação, o sujeito deficiente como sinônimo de atleta é algo que não se verifica no imaginário social, pois o corpo faltoso não se institui como capaz de praticar esporte, de competir, de ser atleta de alto rendimento. Na deficiência, o que significa é o corpo constituído na falta e não o atleta. É por essa razão que a paratleta se ressente dos modos como é significado pelos outros, não como atleta, mas como "o sem perna que está correndo"; é por essa razão que são necessários os "embaixadores", a Revista, voltadas para uma elite para promover a venda de ingressos; é por essa razão que se necessita de um evento paralímpico para se colocar *ao lado* do olímpico, visando alcançar o mesmo status, o mesmo público, o mesmo reconhecimento e o mesmo pertencimento.

Pela formulação da paratleta, compreendemos que o deficiente não quer ser reconhecido como "o sem perna que está correndo", mas sim como "o atleta de alto rendimento", o que faz significar a resistência do *discurso do deficiente* sobre os modos de dizer e os sentidos produzidos pelos *discursos sobre o deficiente*. Em outras palavras, o que o dizer da paratleta produz são efeitos de resistência aos sentidos postos pela mídia *sobre* o deficiente, ou seja, ao se dizer o discurso do deficiente não se identifica com os discursos *sobre*, com os modos com os quais a mídia brasileira produz e coloca em circulação sentidos sobre o deficiente/a deficiência.

A mídia, a serviço do processo de individuação do atleta paralímpico pelo Estado, funciona de modo a silenciar a falta, a falha, a omissão do Estado para fazer visível a falha, a falta do deficiente que, constituída no seu próprio corpo, apaga a capacidade de alto rendimento que ele pode ter. Daí a velocista, Verônica Hipólito, só ser reconhecida como (para)atleta pela deficiência motora que seu corpo adquiriu após um AVC, que marcou seu corpo para sempre como faltoso em decorrência de uma sequela neurológica, que passou a identificá-la na/pela deficiência.

Nas palavras de Orlandi (2015, p. 192), "[...] o Estado capitalista é estruturado pela falha e, em consequência, a divisão, a diferença que, pelo funcionamento da ideologia em uma sociedade hierarquizada, cuja relações são dissimétricas, configurando-se como relações de força e de poder, simbolizadas, produzem a segregação (preconceito)" e, segundo nossa análise, a impossibilidade de ver o corpo faltoso como um corpo atlético, capaz de altas performances, de alto rendimento.

3.4 Comentários de internautas: sentidos em movência na rede

No quarto recorte buscamos compreender o posicionamento do internauta sobre a campanha #somostodosparalímpicos, trazendo para análise cinco comentários de seguidores do Instagram da revista Vogue Brasil.

Ao colocar em circulação a campanha, a Revista se coloca sob a apreciação do público, a partir do internauta, que manifesta aprovação ou reprovação para os modos como a campanha da *Vogue* circulou na rede.

Recortamos e analisamos cinco sequências discursivas⁴³, que apresentam a posição da maioria dos internautas:

To aqui pensando como isso passou pela equipe. Será que ninguém disse que esse close ta super errado? (SD1)

O primeiro internauta (SD1) questiona como campanha #somostodosparalimpicos pôde ser editada, mesmo passando por uma equipe de avaliadores. O funcionamento sobre a má qualidade da campanha se marca pelo isso, no questionamento do internauta: "como isso passou pela equipe", pois a palavra isso, nas condições de produção dadas, carrega sentidos de algo negativo, grotesco, desqualificado, ruim etc. Ou seja, ao referir a algo como "isso", o efeito que se produz é de negatividade sobre a coisa referenciada, pois o "isso" que passa por uma equipe de profissionais não pode e não deve circular por ser um erro grande (esse close ta super errado) e visível (para o internauta), embora tenha escapado à equipe de avaliação e de edição da campanha, que deixou circular o close super errado.

Esse funcionamento, recorrente entre os internautas, nos faz compreender que a Revista, até a publicação da campanha, gozava de uma certa credibilidade, pois tinha/tem uma equipe profissional, capacitada, que não tinha publicado, até aquele momento, um "close super errado". É exatamente essa memória sobre a qualidade da Revista e de sua equipe que faz com que o internauta materialize sua estranheza na forma de perguntas: Como isso passou? Será que ninguém disse/viu que isso estava super errado?

-

⁴³ Optamos por transcrever os comentários para não identificar o internauta, assim, para referenciá-los, adotamos a sigla SD (Sequência discursiva), seguida de números de 1 a 5. Disponível em https://www.instagram.com/p/BJfPT7jBleR/. Acesso em 01 jun. 2017.

O erro, ressaltado pelo internauta, produz o efeito de algo grandioso, inadmissível, e é referido como *close super errado*, que, segundo o dicionário de gírias⁴⁴, se trata de uma "[...] gíria gay que significa o mesmo que vacilar, dar mancada, fazer ou falar alguma besteira, se queimar etc.". Assim, o internauta questiona como a Revista pôde vacilar, dar mancada, se queimar com a publicação da campanha.

Ao trazer a gíria "close errado", o internauta reproduz um modo de manifestar sua opinião no espaço digital – que é comumente usada como #closeerrado – que funciona, no caso da campanha, como ferramenta para o internauta dizer da posição contrária ao que a *Vogue* fez circular sobre a campanha #somostodosparalímpicos: a utilização de corpos perfeitos tornados corpos faltosos, corpos decepados para se tentar reproduzir corpos faltosos de atletas paralímpicos, que serviram de "inspiração" para o simulacro do corpo.

Pela expressão #closeerrado, o internauta utiliza uma forma de linguagem, comum no espaço digital, para dizer que a *Vogue* errou, não por produzir a campanha, mas por simular a substituição dos corpos, como se os diferentes pudessem se (re) reproduzir com a produção do efeito de igualdade. Em outras palavras, a Revista, interpelada pela ideologia do politicamente correto, produziu como efeito uma discriminação e uma violação dos corpos, que contribuiu para acirrar a exclusão e o não pertencimento para o sujeito deficiente.

Passemos à análise de mais uma sequência discursiva:

Achei de muito mau gosto..nossos atletas mereciam mais respeito..Eles sim é que deveriam estar na mídia por serem maravilhosos do jeito que são..#papelfeiovogue (SD2).

A posição de SD2 produz os mesmos efeitos que a formulação de SD1, pois pelas mesmas razões tornadas visíveis no primeiro comentário, a hashtag⁴⁵ #papelfeiovogue funciona como paráfrase para #closeerrado, uma vez que o vacilo, a mancada, a besteira produzida pela Revista fez com que ela se prestasse a protagonizar "um papel feio", que a queimou aos olhos da opinião pública.

⁴⁵ A hashtag é uma expressão bastante comum entre os usuários das redes sociais, na internet. Consiste de **uma palavra-chave antecedida pelo símbolo** #, conhecido popularmente no Brasil por "jogo da velha" ou "quadrado". [...] são **utilizadas para categorizar os conteúdos publicados nas redes sociais**, ou seja, cria uma interação dinâmica do conteúdo com os outros integrantes da rede social, que estão ou são interessados no respectivo assunto publicado (Grifos do autor). Disponível em https://www.significados.com.br/hashtag/. Acesso em 02 abr. 2017.

1

Site Qual é a gíria? As gírias mais faladas no Brasil. Disponível em: https://www.dicionarioinformal.com.br/close+errado/. Acesso em 02 abr. 2017.

Do mesmo modo que no primeiro comentário, o segundo, ao colocar em circulação a hashtag (#papelfeiovogue), faz funcionar a mesma posição contrária à substituição dos atletas paralímpicos por atores, por considerar o ato protagonizado pela campanha como um ato de "mau gosto" e de "desrespeito" para com (o corpo) (d)os atletas.

Deste modo, vemos que entre a intenção da Revista e o efeito que ela produz há uma distância que não se preenche, pois tentado acertar, tentando agir "pela causa", o que ela produz enquanto efeito é o "close errado", o vacilo, o "papel feio", que se marca pelo uso do corpo do atleta paralímpico apenas como "inspiração" para simular a falta no corpo completo, perfeito.

No apelo que SD2 faz para o uso do corpo do atleta paralímpico na campanha, vemos o funcionamento de aceitação do corpo do paratleta, que mesmo sendo um corpo faltoso, é maravilhoso também na falta, como vemos na formulação: "Eles sim é que deveriam estar na mídia **por serem maravilhosos do jeito que são**". Contudo, SD2 produz efeitos que, marcados pelo discurso religioso, romantizam a deficiência e apagam dela a falta, o grotesco, a limitação.

Vejamos outra sequências discursiva.

Quando fizerem algo contra o racismo, vão pintar atores brancos ao invés de chamar negros para sua própria representação? Isso é zero representativo. Atletas deficientes físicos são belos e capazes, seja nos esportes ou na divulgação. Sempre achei o meio da moda cruel, elitista e padronizador, mas isso foi demais #shameonyou (SD3).

A sequência discursiva SD3, tal como a de SD1, inicia-se com uma pergunta direta à Revista: "Quando fizerem algo contra o racismo⁴⁶, vão pintar atores brancos ao invés de chamar negros para sua própria representação?" Contudo, trata-se de uma pergunta que pressupõe uma afirmação na forma de crítica pelo desrespeito às diferenças. Uma crítica que se faz pela representatividade⁴⁷ do negro pelo branco, do corpo faltoso pelo corpo perfeito.

⁴⁷ É a esse funcionamento, que SD3 nomeia formula como "uma representatividade que não representa de fato", que chamamos de simulação, de engodo, de simulação.

-

⁴⁶ O racismo, recorrente em diversos comentários, é mobilizado pelos internautas quando comparam a invisibilidade e a não inclusão racial com a condição dos deficientes. Assim, o racismo comparece, como qualquer outra forma de diversidade, enquanto espaço de luta pelos ideais imaginários de busca pela igualdade e pelo pertencimento.

Do mesmo modo que SD2, SD3, também atravessada pelo discurso religioso, toma o corpo faltoso de forma romantizada, apagando as limitações que ele impõe ao sujeito deficiente: "Atletas deficientes físicos são belos e capazes, seja nos esportes ou na divulgação", pois essa beleza, essa capacidade se faz dentro dos limites impostos pelas diferentes deficiências. Contudo, é importante ressaltar que SD3 defende o corpo faltoso do deficiente como capaz de fazer a divulgação do seu próprio evento, sem necessitar de porta-vozes com corpos perfeitos, sem necessitar de "embaixadores" para falar por eles.

Em SD3 é interessante observar ainda o recado direto à revista *Vogue* enquanto uma mídia voltada para o mundo da moda: "Sempre achei o **meio da moda cruel, elitista e padronizador**", ou seja, nesse meio em que não cabe o corpo faltoso do deficiente, substituí-lo por corpos perfeitos, completos, é demais, é inaceitável: "[...], mas **isso** foi demais #shameonyou", daí a hashtag #shameonyou⁴⁸, funcionando como um recado direto à Revista para que se envergonhe dessa violação, desse desrespeito ao corpo do deficiente, que, do mesmo modo que SD1, é tratada por um **isso**, um **nada**, que produz efeitos de menosprezo aos modos como a campanha foi elaborada.

A sequência discursiva SD4 produz os mesmos efeito de sentido das anteriores.

Vocês poderiam ter colocado atletas deficientes de verdade na propaganda. Totalmente sem sentido, chega até ser ofensivo (SD4).

Em SD4, quando o internauta diz "Vocês poderiam ter colocado atletas deficientes de verdade na propaganda", faz funcionar a mesma representação que SD3 refere ao dizer da substituição de brancos por negros ou de corpos perfeitos (dos atores) pelos corpos faltosos dos deficientes. Assim, tal como nas outras sequências discursivas, o internauta fala em ofensa, como SD2 fala em desrespeito, mau gosto e como SD1 e SD3 dizem de um isso (a substituição de atletas paralímpicos por atores) que faz funcionar sentidos de algo negativo, algo grotesco, desqualificado, ruim, ou seja, algo do que a revista *Vogue* deve se envergonhar, pois toda a intenção de "agir pela causa" foi suplantada pela afronta, pelo desrespeito, pela ofensa aos atletas paralímpicos.

O efeito da campanha, mais que promover a venda de ingressos, promoveu a invisibilidade e a exclusão dos paratletas, que, por não protagonizarem a campanha,

-

⁴⁸ Shame on you é uma expressão da língua inglesa que, em tradução livre, significa "você (a Revista) devia se envergonhar" (disso que fez), ou seja, substituir o corpo faltoso do deficiente pelo corpo perfeito simulado como falta.

foram excluídos, exatamente por aquilo que os caracteriza e os constitui: a falta, a falha, a incompletude.

Analisemos os dizeres da última sequência discursiva:

Isso não eh inclusão! Isso eh marketing. Abra as portas pra portadores de necessidades virarem modelo! #closeerrado (SD5).

O internauta traz, em SD5, os sentidos de marketing em oposição ao de inclusão: "Isso não eh inclusão! Isso eh marketing", ou seja, o efeito é o de que a inclusão do deficiente não se faz pelo marketing, não se faz por uma campanha que não o reconhece na sua especificidade. Em outras palavras, o gesto de "luta pela causa", da Revista, se faz pelo lugar que a institui, isto é, como uma mídia voltada para um público elitizado, bem sucedido e que pode comprar ingressos para ajudar a causa.

Assim, a campanha encampada pela Revista não se constitui como um gesto considerado inclusivo, visto que, interpelada pela ideologia, *Vogue* elege, juntamente com o comitê paralímpico, artistas globais para simular a deficiência, pois o corpo verdadeiramente faltoso não cabe nas suas edições.

Os atores globais, identificados com o público da Revista, não representam o atleta paralímpico, mesmo produzindo "mutilações" em seus corpos através de aplicativos.

É por esta razão que SD5 faz funcionar sentidos marcados como imperativos na afirmação do internauta para a Revista: "Abra as portas pra portadores de necessidades virarem modelo!", pois vemos funcionar aí uma ordem que pode ser parafraseada por: "Pare de simular, pare de fingir, pare de "mutilar" corpos perfeitos como faltosos".

O imperativo à Revista faz funcionar sentidos de verdade e de mentira na campanha, pois a "mutilação" simulada dos corpos perfeitos não impede que a memória os complemente, uma vez que os corpos dos embaixadores são constituídos desde sempre como perfeitos.

O imperativo carrega, ao mesmo tempo, sentidos para a campanha, que, para constituir-se como um gesto verdadeiro de inclusão, "Aceitem as pessoas com necessidades como modelos, que admitam seus corpos nas páginas e sites da Revista", ou, de outro modo, que não se promova como uma mídia politicamente correta, preocupada com a causa, pois os efeitos que seu gesto produz apontam em outra direção.

Embora a Revista anuncie seu objetivo com a campanha – a venda de ingressos – o que ela ganha como mídia engajada, politizada, inclusiva são efeitos de retorno que não alcançam o atleta paralímpico. A campanha enquanto marketing para a venda de ingressos pode até ter atingido seu objetivo, contudo em nenhum momento ela deu visibilidade ao atleta paralímpico, que serviu apenas de "inspiração" para que atores simulassem a falta, a deficiência física.

Nesse entendimento, o sentido de simulacro da deficiência nos corpos perfeitos dos atores serviu apenas ao propósito de sensibilizar o público leitor da Revista a comprar ingressos, valendo-se da popularidade e da perfeição dos globais.

Como vimos, os comentários, em sua maioria, marcaram-se contrários ao engodo, contrários à falácia produzida pela Revista e pelos embaixadores da campanha, convidados pelo Comitê Paralímpico Brasileiro, pois o objetivo da *Vogue* não foi o de fazer a inclusão e tampouco de lutar pela diversidade, pelas minorias, pela igualdade.

Finalmente, podemos dizer que se a meta da Revista era a visibilidade, ela foi atingida, não a visibilidade de uma causa, não a visibilidade de uma minoria, mas a visibilidade comercial, visto que houve aumento na venda de ingressos, mesmo que muitos nem comparecessem aos locais do evento, pois o grande objetivo era apenas o de vender ingressos e de minimizar despesas geradas pelo evento, e não o de dar visibilidade à performance, ao rendimento do atleta paralímpico, que se constitui como marcado no corpo do deficiente/pela deficiência.

Contudo, ao se dar visibilidade a um dado aspecto, outros ficam ou tornam-se invisíveis; no caso em estudo, a invisibilidade do deficiente não se instala com a campanha, mas se serve dela para fazer acirrar as diferenças e a deficiência como falta, que impede e que interdita qualquer relação de pertencimento para essas pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou, por meio da análise dos discursos em torno dos Jogos Paralímpicos, que nós pudéssemos compreender os sentidos de deficiência e do sujeito deficiente produzidos pela/na mídia a partir deste acontecimento discursivo que produz um deslocamento das relações de sentidos. Assim, os jogos dos deficientes instalam-se como modos de colocar em relação o seu advento com a história, constituindo sujeitos e sentidos para os deficientes/a deficiência

Após a Segunda Guerra Mundial, observamos que os sentidos de reabilitação e de heroísmo passaram a constituir a "identidade" do atleta paralímpico, ou seja, há um já dito, uma memória, que faz significar a criação dos Jogos Paralímpicos para soldados com sequelas de guerra. O surgimento dos Jogos Paralímpicos, atrelado à reabilitação dos soldados, faz significar que existe o sujeito com deficiência que supera obstáculos e que merece um lugar de destaque em um evento exclusivo.

A partir da análise do *corpus* pudemos observar que a deficiência significa pelo não pertencimento e pela falta, assim, no primeiro recorte, a nomeação do evento se faz por uma falta que é dada pela alteração no nome do evento de *Paraolímpico* para *Paralímpico*. Um funcionamento pelo qual demos visibilidade ao fato de que passagem gramatical da composição de palavras justapostas para aglutinadas significa para muito além da questão estrutural da língua, pois instala sentidos que convocam uma memória posta pelas relações de poder, na qual a língua do dominador/colonizador prevalece, bem como o gesto de modificação que, tendo o objetivo de universalizar o nome do evento dos deficientes, serviu ao propósito da sua apartação e do seu rechaço histórico-ideologicamente constituído.

Ainda na esteira do funcionamento da língua, analisamos o slogan da campanha "#somostodosparalímpicos", instalada com o propósito de incentivar a venda de ingressos para os jogos paralímpicos. Esse gesto de análise nos permitiu compreender que a nomeação da campanha, funcionando parafrasticamente pelos sentidos de igualdade, marca-se por uma contradição que não se resolve, pois a necessidade mesma de dizer da igualdade faz significar a diferença, a limitação, uma vez que algo falha, que não há lugar possível de pertencimento ao deficiente a não ser pelo lugar que lhe é constitutivo: o da falta.

Da campanha analisamos, ainda, a mídia que a propagou e as imagens produzidas pelos embaixadores da campanha: Paulinho Vilhena e Cleo Pires, a convite do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB).

Ao pensar no funcionamento da mídia, que se inscreve como um lugar de verdade para dizer sobre algo, deparamo-nos com a revista *Vogue* Brasil, enquanto um periódico impresso e digital, voltado à ditadura de padrões de moda, de beleza e de sucesso. Assim, demos visibilidade ao fato de que a revista, que tem um público seleto e com um poder aquisitivo alto, não pode, dado o funcionamento ideológico que a interpela, tornar o público deficiente como seu, pois colocar em circulação uma campanha sobre minorias é algo contraditório ao seu "perfil".

Esse descompasso entre a intenção e a possibilidade de dizer/fazer o "politicamente correto", a "boa ação", o exercício da "compaixão", o desejo de "dar uma forcinha", que a Análise de Discurso desconstrói com a noção de sujeito descentrado, coloca a Revista na posição de quem toma a pessoa com deficiência como alguém digno de solidariedade, de piedade, de ajuda, fazendo com que a campanha que ela encampa, "somostodosparalímpicos", passe a se constituir pelos sentidos de caridade, de comiseração para com alguém a quem a Revista nunca tomou como público alvo.

A contradição da Revista sobre o público que ela prioriza estende-se para as imagens produzidas e circuladas pela campanha de venda de ingressos, pois em parceria com o CPB, que elege Paulo Vilhena e Cleo Pires como embaixadores das Paralimpíadas, a mídia produz, nos corpos perfeitos dos atores globais, a simulação do corpo faltoso do deficiente, que serviram apenas de "inspiração" para o engodo promovido.

Contudo, os corpos dos dois atores, que trabalham com a imagem corporal da perfeição e da beleza, não se desvinculam da memória que os constitui, produzindo no leitor o efeito de falseamento, de dissimulação, de engano. Assim, ao transformar o corpo ideal em um "corpo mutilado" através de efeitos tecnológicos, o *Instagram* da Revista faz funcionar sobre os leitores/espectadores um equívoco, uma falha que não lhes escapa, pois, a tomada do corpo como materialidade significante, portanto como corpo/linguagem, proposta por Orlandi (2012), nos possibilitou compreender como a deficiência significa e é significada por uma memória de corpo deficiente, que é constituído idelogicamente como corpo faltoso e se materializa pela relação dos sujeitos com o (O)outro.

Essa constatação da falha, do equívoco produzido pela Revista, materializa-se nos comentários de internautas, a partir dos quais demos visibilidade, pela análise, aos modos como a língua é incompleta e como os sentidos sempre podem ser outros, pois a Revista, tomada pelos sentidos de evidência, de literalidade e de transparência da língua(gem), objetivou produzir sentidos que fugiram a sua intenção, pois o sentido não depende daquele que o formula, mas se faz como efeito no outro.

Mostramos, então, pautados pela noção de incompletude da língua, de falha no/do ritual de língua(gem), do equívoco, como o enunciado da campanha "somostodosparalímpicos" produz e faz circular efeitos de sentido nas redes sociais, provocando diversos comentários, que se constituem como posição aos modos de produção da campanha.

Na análise das sequências discursivas, recortadas de comentários dos internautas, vimos funcionar sentidos sobre a campanha que mantiveram uma regularidade, visto que os dizeres se deram sempre na mesma direção: a de criticar a iniciativa da revista *Vogue*, a do Comitê Paralímpico Brasileiro e as dos embaixadores, visto que a simulação, o engodo de produzir, nos corpos perfeitos de atores famosos, os corpos de paratletas, estendeu seus efeitos de falseamento para toda a campanha e para os objetivos dela. Afinal, os sentidos não são dados pela intenção do sujeito, mas são dados enquanto efeito no outro, portanto, dependem dos modos de interpretação dos sujeitos, em dadas condições de produção que põem em funcionamento uma dada ideologia.

Nessa direção, as sequências discursivas, formuladas a partir de comentários de internautas filiados uma dada memória do dizer, constituiu/constitui o deficiente/a deficiência, enquanto uma classe que se coloca como minoria, fazendo funcionar, no gesto dos envolvidos na campanha, a exclusão e o não pertencimento.

Em outras palavras, os efeitos produzidos pela campanha colocaram-se na contramão dos objetivos intentados pelos promotores dela, pois ao produzir um gesto de "acolhimento", de "caridade", de "politicamente correto", o efeito que o gesto de "ajuda" aos deficientes produziu foi o de rechaço, de apartação, de não pertencimento. O que fez produzir um efeito tão distante do esperado foi o fato de a Revista valer-se de corpos perfeitos, dos embaixadores do Comitê Olímpico Brasileiro, para representar o corpo faltoso do deficiente. Essa simulação produziu efeitos de mascaramento, de falseamento, pois os modos de constituição da deficiência / do deficiente se instala pela falta, marcada especialmente no corpo.

A impossibilidade de os envolvidos com a campanha pensarem nesses modos de constituição do deficiente decorreu, em grande parte, dos modos de inscrição da Revista enquanto promotora de moda, de sucesso, de beleza e de perfeição. Essa compreensão foi-nos possibilitada pela teoria e pelas análises, que nós fez visíveis os sentidos da deficiência e do sujeito deficiente, significados no discurso dos Jogos Paralímpicos, ou seja, em nosso material de análise pudemos compreender como a mídia coloca em circulação os sentidos de deficiência pelo dizer da falta, do não pertencimento, tentando dizer da caridade, da inclusão.

Em outras palavras, pudemos compreender, pela análise, que os sentidos de deficiente/de deficiência, significados no discurso dos Jogos Paralímpicos, dão visibilidade aos modos como a mídia coloca em circulação os sentidos de deficiência pelo dizer da falta, do não pertencimento, pois, através de gestos que funcionam, pelo efeito da evidência, como inclusão, se produzem, enquanto sentido no outro, como um gesto de tamponamento dos sentidos de exclusão, de apartação, de não pertencimento que constituem o deficiente/a deficiência.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vinicius Ramon.; FERREIRA, José Natanael. **Os jogos paralímpicos do Rio de Janeiro de 2016, e a inclusão social de pessoas com deficiência**. Disponível em site.ajes.edu.br/encontro/arquivos/20160821082243.pdf. Acesso em 26 jan. 2018.

BALDINI, Lauro José Siqueira; SOUZA, Levi Leonel de. "Os sentidos tomando corpo". In: AZEVEDO, Aline Fernandes(org). **Sujeito, corpo, sentidos.** Curitiba, PR: Appris, 2012, p. 69-88.

BÍBLIA SAGRADA. Disponível em: https://www.bibliaon.com/. Acesso em 01 jun. 2017

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará, 2001.

DIAS, Cristiane; COUTO, Olivia Ferreira do. "As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias". In: **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, SC: 2011. p. 631-648

ERNST-PEREIRA, Aracy. "A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo". In: **IV SEAD** – Seminário de Estudos em Análise do Discurso 1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso, 2009.

FERREIRA, Antônio José. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**. 2010. Disponível em: http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/publicacoes/convencaosobre-os-direitos-das-pessoas-com-deficiencia. Acesso em 22 ago. 2016.

FERREIRA, Eliana Lúcia; ORLANDI, Eni P. **Discursos sobre a inclusão**. Niterói, RJ: Intertexto, 2014.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo, SP: Editora Loyola, 2010.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

GARCIA, Vinícius Gaspar. **As pessoas com deficiência na história do mundo**. Disponível em http://www.bengalalegal.com/pcd-mundial. Acesso em 05 jul. 2017.

GASPARETTO JUNIOR, Antônio. **Aktion 4**. Disponível em http://www.infoescola.com/segunda-guerra/aktion-t4/. Acesso em 05 jul. 2017.

GUIMARÃES, Jaciane P. "Identidades, Diferenças e Violência no Espaço Urbano Contemporâneo". In: BRAGANÇA, Soraya; PARKER, Marcelo(orgs.). **Igualdade nas diferenças**: os significados do "ser diferente" e suas repercussões na sociedade [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2009. p. 43-56

HASHIGUTI, Simone. "O corpo como materialidade do/no discurso". In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro; MITTMANN Solange (orgs.). **O discurso na contemporaneidade**: materialidades e fronteiras. São Carlos, SP: Editora Claraluz, 2009.

HEUSI, Gabriel. **Governo federal, iniciativa privada, estado e cidade do Rio dividem investimentos para Olimpíadas**. Disponível em: http://www2.planalto.gov.br/noticias/2015/05/governo-divide-com-iniciativa-privada-estado-e-cidade-do-rio-os-investimentos-para-os-jogos-olimpicos. Acesso em 21 ago. 2017.

LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 1998.

(1953). O Seminário. Livro 1: Os escritos técnicos de Freud . Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 1996.
(1964) O seminário. Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise . Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 1986.
LAMPREIA, C. As propostas anti-mentalistas. Rio de Janeiro, RJ: PUC, 1992.
LANNA JÚNIOR, Mário Cléber Martins (Comp.). História do movimento político das pessoas com deficiência no Brasil . Brasília, DF: Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010.
MACHADO, Roseli Belmonte. Paralimpíadas e mídia : o crescimento das políticas de inclusão. 2012.
MALUF-SOUZA, Olímpia. "Subjetivação e identidade dos/nos sujeitos desviantes". In: MOTTA, Ana Luiza Artiaga Rodrigues da; OLIVEIRA, Tânia Pitombo de; RENZO, Ana Di. Linguagem, história e memória : discursos em movimento. Campinas, SP: Pontes, 2011.
MARQUES, Renato Francisco Rodrigues et al. "Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea". In: Revista Brasileira de Educação Física . São Paulo, SP: 2009.
"Mídia e o movimento paralímpico no Brasil: relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro". In: Revista Brasileira de Educação Física . São Paulo, SP: 2013.
MARQUEZAN, Reinoldo. O deficiente no discurso da legislação . Campinas, SP: Papirus, 2009.
MARTINS E SILVA, Vera Regina. O sujeito deficiente mental e os paradoxos do corpo . Tese. Campinas, SP: PPGL IEL/ UNICAMP, 2006.
MOREIRA, Wagner Wey; RECHINELI, Andréa; PORTO, Eline Tereza Rozante. "Deficiência e educação física: relato de pesquisa: corpos deficientes, eficientes e diferentes: uma visão a partir da educação física". v. 14. Marília, SP: In: Revista Brasileira de Educação Esportiva , 2008. p. 293-310.
ODALIA, NILO. "Revolução Francesa: a liberdade como meta coletiva". In PINSKY, Jaime & PINSKY, Carla B (orgs.). História da Cidadania . 3. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2005.
ORLANDI, Eni P. "Ser diferente é ser diferente – a quem interessam as minorias?" In: BARROS, Renata C. Blanchi de, CAVALLARI, Juliana Santana(orgs). Sociedade e Diversidade . v.2. Campinas, SP: Pontes, 2016, p. 19-33.
"Linguagem e educação social: a relação sujeito, indivíduo e pessoa". In: Revista Rua , Campinas, SP, 2015, p. 187-198.
"Processos de significação do corpo". In: AZEVEDO, Aline Fernandes de (org.). Sujeito, corpo, sentidos . Curitiba, PR: Appris, 2012, p.13-31.
Análise de Discurso : princípios e procedimentos. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.
Discurso e texto : formulação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2008.
As formas do silêncio : no movimento dos sentidos. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002a.

"Lexicografia discursiva". In: Revista Alfa , São Paulo, SP: 2002b. Disponível em https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4201/3797 . Acesso em 29 mai. 2017
"Do Sujeito na história e no simbólico". In: Revista Escritos 4. Campinas, SP Laboratório de Estudos Urbanos, 1999.
Terra à vista Terra à vista: discurso do confronto, velho e novo mundo. Campinas SP: Cortez, 1990.
PÊCHEUX, Michel (1975). Semântica e discurso : uma crítica à afirmação do óbvio Tradução de Eni Puccinelli Orlandi (et al.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988.
"Ler o arquivo hoje" (1982). In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (org.). Gestos de Leitura : da história no discurso. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994, p.49-59.
O discurso: estrutura ou acontecimento. 7ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2015
"Papel da Memória". In: Achard, P. (Org.). Papel da memória . Trad. e Introdução José Horta Nunes. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.

PETRI, Verli. A diferença no discurso e o discurso da diferença. In: BRAGANÇA, Soraya; PARKER, Marcelo(orgs.). **Igualdade nas diferenças**: os significados do "ser diferente" e suas repercussões na sociedade [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2009.

PINA, Bárbara M. de. **A construção de imagem de marca da Vogue**. Monografia. Brasília, DF: Universidade de Brasília. Faculdade de Comunicação, 2016.

PONTES, Livia Maria Martins & HÜBNER, Maria Martha Costa. "A reabilitação neuropsicológica sob a ótica da psicologia comportamental". In: **Revista de Psiquiatria Clínica**. v. 35, São Paulo, SP: 2008, p. 06-12.

SAMPAIO, Ângelo Augusto Silva. "Skinner: sobre ciência e comportamento humano. In: **Revista Psicologia, ciência e profissão**. Bahia, BA, 2005, p. 270-289.

SILVA, Patrícia A. **Legislação e acessibilidade**: sentidos que (des)dizem do deficiente/da deficiência nas ruas da cidade de Cáceres-MT. Dissertação. Cáceres, MT: PPGL/UNEMAT, 2015.

SOUZA, Aureci de Fátima da Costa. **O percurso dos sentidos sobre a beleza através dos séculos** – Uma Análise Discursiva. Dissertação. Campinas, SP: PPGL IEL/UNICAMP, 2004.